



UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
NATALIA YUMI PACELI MARIMOTO

A ESCOLA E A CIDADE:
PONTES PARA A TRANSFORMAÇÃO

São Paulo

NATALIA YUMI PACELI MARIMOTO

**A ESCOLA E A CIDADE:
PONTES PARA A TRANSFORMAÇÃO**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhembi Morumbi como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Prof. Dr. Laudelino Roberto Schweigert

Prof. Dra. Camila Dias dos Santos Forcellini

São Paulo

2023

À minha sobrinha Sarah, desejo que você possa ter acesso a uma educação que garanta o desenvolvimento de todas as suas potencialidades, a fim de contribuir para que seu futuro seja tão lindo como é em sua imaginação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Elaine Paceli e Márcio Marimoto, por me ensinarem a ter garra, dedicação e humildade, valores que me fortaleceram para chegar até aqui. Agradeço a minhas irmãs, Mayara Aquemi e Larissa Tiemi, pelo amor e companheirismo que me embalam desde que éramos crianças. Aos meus amigos, Grazielle Custódio, Thiago Pinatti e Carolina Tavares pelas conversas, risadas e momentos de alegria que estarão para sempre em meu coração.

Agradeço aos professores que me desafiaram a crescer e ir além das minhas crenças limitantes para estimular e desenvolver minha capacidade e senso crítico. Em especial aos meus orientadores Laudelino Roberto Schweigert e Camila Dias dos Santos Forcellini pelos ensinamentos, pelo acolhimento, por acreditar nesse trabalho e contribuir a todo o momento com o seu desenvolvimento. E por fim a todos que, em algum momento, doaram o seu tempo a ler este trabalho e/ ou dar a continuidade a ele, pois, repensar à educação deve ser um trabalho contínuo.

“O objetivo da arquitetura é amparar a imprevisibilidade da vida” (ROCHA, 2018).

RESUMO

MARIMOTO, Natalia Yumi Paceli. A Escola e a Cidade: Pontes para a transformação. 2023.

Trabalho Final de Graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Anhembi Morumbi. 2023.

Este trabalho tem como objetivo trazer a discussão sobre o cenário da educação brasileira em que predomina o ensino tradicional, bem como de repensá-la de forma integrada sob os pontos de vista pedagógico, arquitetônico e social. Para tanto, vislumbra-se a proposta de projeto arquitetônico escolar ao território de Guaianases, distrito localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo, a fim de possibilitar o acesso à educação inovadora e inclusão da comunidade do bairro dormitório. Ela tem por finalidade trabalhar com a carência de ensino fundamental do bairro Jardim Lourdes, onde está a área de inserção do projeto. O primeiro capítulo abordará a discussão sobre a metodologia tradicional com o objetivo de entender qual cidadão ela está formando e discorre também se a cidade e a escola atuam em conjunto para a formação educacional do indivíduo, tal qual será apresentado a metodologia de José Pacheco, referência mundial de ensino inovador. No segundo capítulo serão analisados estudos de caso e projetos de referência que embasam o presente trabalho. O terceiro capítulo abordará o estudo do Distrito de Guaianases, sua formação e cenário analítico e apresenta a área de estudo. O quarto, e último capítulo, apresentará o projeto arquitetônico e sua relevância a população do entorno.

Palavras-chave: Arquitetura escolar. Comunidade escolar. Escola. Educação inovadora. Ensino Fundamental. Educação tradicional.

ABSTRACT

MARIMOTO, Natalia Yumi Paceli. The School and the City: Bridges to Transformation. 2023.

Undergraduate thesis. Architecture and Urbanism College. Anhembi Morumbi University. 2023.

This work aims to bring the discussion about the scenario of Brazilian education in which traditional teaching predominates, as well as to rethink it in an integrated way from the pedagogical, architectural and social points of view. To this end, a proposal for a school

architectural project for the territory of Guaianases, a district located in the East Zone of the city of São Paulo, is envisaged, in order to provide access to innovative education and inclusion of the dormitory neighborhood community. Its purpose is to work with the lack of elementary education in the Jardim Lourdes neighborhood, where the project will be inserted. The first chapter will address the discussion on the traditional methodology with the aim of understanding which citizen it is forming and also discusses whether the city and the school act together for the educational formation of the individual, as will be presented the methodology of José Pacheco, a reference world of innovative teaching. In the second chapter, case studies and reference projects that support the present work will be analyzed. The third chapter will address the study of the District of Guaianases, its formation and analytical scenario and presents the study area. The fourth, and last chapter, will present the architectural project and its relevance to the surrounding population.

Keywords: School architecture. School community. School. Innovative education. Elementary school. Traditional education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Imagem 1 - Zoneamento Municipal de São Caetano do Sul | 34 |
| Imagem 2 - Entorno imediato | 36 |
| Imagem 3 - Implantação EMEI Cleide Rosa Auricchio | 37 |
| Imagem 4 - Planta Escola Parque | 49 |
| Imagem 5 - Diagrama: setorização | 50 |
| Imagem 6 - Corte AA Escola Parque | 50 |
| Imagem 7 - Corte BB Escola Parque | 50 |
| Imagem 8 - Diagrama: conforto térmico | 51 |
| Imagem 9 - Mapa do Projeto Âncora | 56 |
| Imagem 10 - Programa de necessidades do Projeto Âncora..... | 57 |
| Imagem 11 - Entorno imediato e setorização | 58 |
| Imagem 12 - Projeto Âncora..... | 58 |
| Imagem 13 - Mapa de Exclusão/ Inclusão Social da cidade de São Paulo 2010 (MEIS) | 68 |
| Imagem 14 - Localização do bairro Jardim Lourdes | 71 |
| Imagem 15 – Mapa do Perímetro de ação: Jardim Lourdes | 73 |
| Imagem 16 - Escolas do entorno | 74 |
| Imagem 17 - Gabarito de altura e Zoneamento | 76 |
| Imagem 18 - Uso e Ocupação do Solo e Mobilidade | 77 |
| Imagem 19 - Croqui do Circo..... | 79 |
| Imagem 20 - Referência de Projeto: uso de tecidos | 79 |
| Imagem 21 - Referência de Projeto: Universidade de Tianjin Luneng Taishan..... | 79 |
| Imagem 22 - Estudos iniciais..... | 81 |
| Imagem 23 - Concepção do projeto..... | 81 |
| Imagem 24 - Masterplan Jardim Lourdes: estudo inicial | 81 |
| Imagem 25 - Masterplan Jardim Lourdes | 83 |
| Imagem 26 – Planta Subsolo nível 782 | 83 |
| Imagem 27 - Planta Subsolo nível 785 | 84 |
| Imagem 28 - Planta Térreo nível 788 | 84 |
| Imagem 29 - Planta 1º Pavimento | 85 |
| Imagem 30 - Planta 2º Pavimento | 86 |
| Imagem 31 - Planta 3º Pavimento | |
| Imagem 32 - Planta Ático..... | 87 |
| Imagem 33 - Planta Cobertura..... | 87 |
| Imagem 34 - Corte AA e Corte BB | 88 |

| | |
|--|----|
| Imagem 35 - Elevações 01 e 02..... | 88 |
| Imagem 36 - Perspectiva 01..... | 89 |
| Imagem 37 - Perspectiva 02..... | 89 |
| Imagem 38 - Perspectiva 03..... | 90 |
| Imagem 39 - Planta Circo nível 788..... | 90 |
| Imagem 40 - Corte CC..... | 91 |
| Imagem 41 - Elevação 03..... | 91 |
| Imagem 42 – Perspectiva 04..... | 91 |
| Imagem 43 - Planta Esportivo nível 782..... | 92 |
| Imagem 44 - Planta Esportivo nível 785..... | 92 |
| Imagem 45 - Corte DD..... | 93 |
| Imagem 46 - Elevação 04..... | 93 |
| Imagem 47 - Perspectiva 05..... | 93 |
| Imagem 48 - Perspectiva 06..... | 94 |
| Imagem 49 - Perspectiva 07..... | 94 |

LISTA DE FOTOGRAFIA

| | |
|--|----|
| Fotografia 1 - Escola Parque EMEI Cleide Rosa Auricchio..... | 30 |
| Fotografia 2 - Vista Aérea antes da intervenção..... | 31 |
| Fotografia 3 - Vista Aérea da Escola Parque..... | 32 |
| Fotografia 4 - Edificações do entorno: Rua Manoel Coelho..... | 33 |
| Fotografia 5 - Edificações do entorno: Rua Rio Grande do Sul..... | 35 |
| Fotografia 6 - Praça central/ Pátio coberto..... | 38 |
| Fotografia 7 - Interação dos ambientes com o aprendizado..... | 38 |
| Fotografia 8 - Sala de aula..... | 39 |
| Fotografia 9 - Divisão dos ambientes..... | 39 |
| Fotografia 10 - Vão entre a laje das salas e a cobertura da edificação..... | 40 |
| Fotografia 11 - Muros: vista da Avenida Góias..... | 40 |
| Fotografia 12 - Muros: vista interna da escola..... | |
| Fotografia 13 - Muros: visita técnica..... | 41 |
| Fotografia 14 - Calçada da escola sentido leste..... | 42 |
| Fotografia 15 - Calçada da escola sentido oeste..... | 43 |

| | |
|--|----|
| Fotografia 16 - Caminho para a horta | 43 |
| Fotografia 17 - Jardim da escola frente à Avenida Góias | 44 |
| Fotografia 18 - Jardim da escola paralelo à Rua Manoel Coelho | 44 |
| Fotografia 19 - Horta..... | 45 |
| Fotografia 20 - Materiais para atividades escolares | 45 |
| Fotografia 21 - Brinquedos | 46 |
| Fotografia 22 - Sala de aula: vista interna..... | 47 |
| Fotografia 23 - Sanitário infantil..... | 47 |
| Fotografia 24 - Lavatório | 48 |
| Fotografia 25 - Solarium: espaço para artes..... | 48 |
| Fotografia 26 - Solarium: área de ventilação e luz natural | 49 |
| Fotografia 27 - Projeto Âncora: rodas de aprendizagem..... | 54 |
| Fotografia 28 - Eventos escolares | 54 |
| Fotografia 29 - Espaço de aprendizagem | 55 |
| Fotografia 30 - Espaço de aprendizagem: tutoria..... | 55 |
| Fotografia 31 - Riverside School: acesso principal..... | 60 |
| Fotografia 32 - Riverside School: parquinho | 60 |
| Fotografia 33 - Acesso a parte interna da escola..... | 61 |
| Fotografia 34 - Caminhos com jardim | 61 |
| Fotografia 35 - Atividades escolares | 63 |
| Fotografia 36 - Sala de aula | 63 |
| Fotografia 37 - Sala de aula: informática..... | 64 |

LISTA DE TABELA

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Ficha técnica da escola EMEI Cleide Rosa Auricchio | 29 |
| Tabela 2 - Diretrizes da Macrorregião Leste 2 | 69 |
| Tabela 3 - Relação de matrículas no Distrito de Guaianases por níveis de ensino - Censo 2017 | 70 |
| Tabela 4 - Objetivos e Diretrizes do Jardim Lourdes | |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| | 11 |
| A ESCOLA E A CIDADE..... | 12 |
| INTRODUÇÃO | 14 |
| 1. EDUCAÇÃO INOVADORA, A CIDADE E O INDIVÍDUO | 16 |
| 1.1 A metodologia tradicional e o indivíduo..... | 16 |
| 1.2 A cidade e a escola: repensar a educação..... | 18 |
| 1.3 A metodologia autônoma de José Pacheco | 23 |
| 2. PROJETOS QUE INSPIRAM: ESTUDOS DE CASOS E PROJETOS DE REFERÊNCIA | 26 |
| 2.1 Estudo de Caso: Escola Parque – EMEI Cleide Rosa Auricchio | 29 |
| 2.2 Projeto de Referência – Projeto Âncora | 51 |
| 2.3 Projeto de referência – The Riverside School | 59 |
| 3. UM OLHAR VOLTADO PARA A ZONA LESTE DE SÃO PAULO | 65 |
| 3.1 O cenário analítico do Distrito de Guaianazes | 66 |
| 3.2 Área de implantação do projeto: O Jardim Lourdes..... | 71 |
| 4. PROJETO..... | 77 |
| 4.1 Diretrizes do Projeto..... | 78 |
| 4.2 <i>Masterplan</i> Jardim Lourdes..... | 80 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 95 |
| REFERÊNCIAS CONSULTADAS..... | 96 |

A ESCOLA E A CIDADE

Inspirado na tese de Faria (2019), cria-se a lenda sobre a Escola e a Cidade:

Era uma vez uma Escola que morava em uma Cidade muito grande e cheia de pessoas que passeavam por toda parte. Um belo dia, a Escola começou a se sentir estranha, esquisita, isso porque os filhotes de pessoas – as pessoinhas – que habitavam o seu interior, estavam fazendo a maior bagunça ali dentro: quebraram suas portas e janelas, rabiscaram suas paredes e destruíram todas as carteiras de uma vez só.

A Escola ficou assustada, isso nunca havia acontecido antes, embora sempre ouvisse cochichos ali dentro dizendo não estarem felizes, fossem elas, pessoas ou pessoinhas. Será que estão tristes comigo? O que será que eu fiz? Agora estou parecendo os prédios da vizinhança que moram aqui – pensou ela.

Foi quando percebeu uma pessoinha chamando por ela: dona Escola, dona Escola, oh dona Escola! Olha aqui em baixo. E a Escola, intrigada, voltou seus óculos quebrados e só observou o que aquela pessoinha queria dizer: Dona Escola, por favor, não nos entenda mal, estamos fazendo essa bagunça toda porque buscamos uma tal revolução! Nos contaram que é assim que a gente consegue ser escutado pelas pessoas grandes que moram ali na Casa do Poder! Nós queremos uma Escola melhor, uma Cidade melhor, que consiga nos escutar! – disse a pessoinha.

A Cidade ouvindo toda a conversa de *butuca*, olhou para a Escola e disse: Melhor? Damos tudo para essas pessoas, e elas ainda querem mais! Bem que me disseram, quando se dá a mão, a pessoa quer o braço inteiro!

Então a Escola decidiu ouvir o que é que a pessoinha queria dizer com revolução, e de repente tudo começou a ganhar um sentido bem maior. A Escola então, se pronunciou: Dona Cidade, acho que o que essas pessoas estão pedindo é que sejamos melhores para elas, talvez, sejamos boas, mas para só um grupo de pessoas e pessoinhas, esse grupo que mora aqui, não se sente pertencente a nós. A Cidade respondeu: bom, mas pra fazer revolução, elas precisam nos quebrar? Estou cansada de ver essas pessoas pra lá e para cá, sujando e quebrando tudo que mora em mim!

A Escola pensou sobre isso: porque é que precisa quebrar pra ser ouvido? O que aquela pessoinha quis dizer? Acho que ela mesma estava em busca do próprio significado de

revolução. Porque será que ela acredita que essa é a única maneira de ser vista e ouvida? Bom, não parece que as pessoas da Casa do Poder costumam dar ouvidos para as pessoinhas, e mesmo assim elas constroem tudo na cidade pensando com cabeça de pessoa grande, como pode isso? – disse para si mesma.

Foi assim que surgiu uma grande ideia! A Escola convidou a Cidade para juntas fazerem a sua própria revolução. E juntas, elas precisavam repensar em tudo aquilo que estava deixando pessoas e pessoinhas infelizes, e como poderiam fazer diferente para acolher o grupo de pessoas que não se sentiam parte dali. Pensaram, pensaram e pensaram!

Mas havia uma parte que faltava, juntas, ainda não era o bastante pra fazer a tal revolução. A Cidade, concluiu que elas poderiam chamar os outros integrantes para se juntar a elas, talvez isso fosse a parte que faltava. Os prédios e casas, as ruas, os túneis, as pontes, as praças, os carros e as bicicletas, todo mundo veio pensar em como chegariam a seu objetivo.

Todos pensaram, pensaram e pensaram, mas algo ainda fazia falta. E cansados de tanto pensar, se desanimaram. Porém, a pulga atrás da orelha continuava a incomodar, e assim a Escola se deu conta: É claro! É isso o que falta! Eu achei! – falou toda empolgada – Mas é claro, era tão óbvio, falta as pessoas e as pessoinhas!

Não podiam fazer revolução, sem entender e escutar o que elas precisavam dizer! Ora, como iriam entender as pessoas, sem saber o que elas queriam, sem escutar o que elas precisavam. Então todos, animados, foram correndo chamar as pessoas e as pessoinhas.

E o mais importante, entenderam que a tal revolução que a pessoinha buscava fazer, na verdade se chamava transformação, e que só era possível conquistar se todos fizerem parte! Então, novamente, pensaram, pensaram e pensaram! A imaginação cresceu, deixou todo mundo cheio de ideias, ideias tão grandes que até as pessoas grandes da Casa do Poder conseguiram enxergar e saíram de casa para participar.

A transformação que nasceu dentro de uma pessoinha, contaminou outras pessoinhas, até chegar na Escola, depois na Cidade e contaminou todo o resto! E as pessoas e pessoinhas não se sentiram mais tristes porque elas entenderam o sentido de fazer parte e ser uma comunidade com o poder de transformação.

A Escola e a Cidade ficaram melhores. Melhor para todos os grupos de pessoas e pessoinhas, que já não queriam mais fazer bagunça, só queriam aproveitar juntos os frutos que tinham nascido e que agora faziam parte de todos.

INTRODUÇÃO

A metodologia tradicional de ensino modelo que tem como premissa o conhecimento transmitido e voltado ao professor é a pedagogia predominante nas escolas brasileiras. A grande discussão sobre a educação atual está centralizada tanto na pedagogia quanto dos espaços arquitetônicos que poderiam contribuir muito mais para a formação dos indivíduos como cidadãos, visto que não os estão preparando adequadamente para lidarem com as diferenças e problemas que possam surgir ao longo das suas vidas. Além disso, a crítica ao modelo pedagógico tradicional consiste que ele não permite a autonomia dos alunos, não desenvolve suas potencialidades e gera a memorização do aprendizado, cuja consequência é que o conteúdo seja esquecido ao longo do tempo, uma vez que não há a apropriação e construção de forma significativa.

Isso ocorre porque o conhecimento é determinado e centralizado pelo professor e o critério de avaliação é realizado pela média de notas acumuladas por trabalhos e provas desenvolvidos pelos alunos. Entretanto, caso o aluno obtiver a média necessária, ele poderá ser promovido para o próximo ano letivo, mesmo que tenha alguma dificuldade no conteúdo que não foi devidamente aprendido.

E, assim, como as instituições de ensino são responsáveis por determinarem os horários de aulas, intervalo entre elas e limitam o aprendizado ao espaço físico escolar, segregam ainda a comunidade a fazer parte da escola, sendo aberta em sua maioria, apenas aos familiares em datas específicas.

Em 2003, foi criado pelo governo do Estado de São Paulo e pelo município o programa Escola da Família em que as escolas eram abertas em todos os finais de semana, com atividades para a comunidade, com vice-diretores e professores e bolsistas que ministravam oficinas. Os profissionais recebiam bolsas de estudos que ajudavam a custear a universidade, por volta de 2018. E desenvolviam atividades focando nas áreas de Esportes, Lazer, Cultura, Saúde e Trabalho. Em 2021, de acordo com o site, o governo de São Paulo não apresentava páginas voltadas para inscrição de bolsistas para o programa. Este projeto foi aos poucos sendo deixado de lado e, por fim, foi abolido das Unidades Escolares.

Para que essas e outras ações se efetivem, a equipe de governo deve repensar a educação, seus espaços físicos e o envolvimento da comunidade e, ainda, estabelecer a relação entre escola e cidade como um único elemento de aprendizagem visando a garantia do pertencimento e do

acolhimento de sua comunidade, assim, o projeto arquitetônico deve estar relacionado e aberto à participação pública, assim como dialogar com a metodologia de ensino e se relacionar com o entorno.

Portanto, este trabalho apresenta um projeto arquitetônico, baseado a junção entre a escola e a cidade, tendo como inspiração a metodologia de José Pacheco, do mesmo modo que levar o acesso à educação inovadora para o Jardim Lourdes, bairro em que demonstra menor quantidade de instituições de ensino fundamental e médio comparados a quantidade de ensino infantil. O projeto se integra a um *masterplan*, estudo que permite estimular os espaços públicos e relacioná-los ao seu contexto de paisagem, respeitando seus recursos hídricos e ambientais.

1. EDUCAÇÃO INOVADORA, A CIDADE E O INDIVÍDUO

A educação exerce um papel fundamental na sociedade e, por meio dela, é que se dá os princípios e bases do conhecimento e em que são construídos os primeiros vínculos sociais da criança além do núcleo familiar. Entretanto, não é apenas a escola – como instituição – que é o único agente responsável pela formação da cidadania, uma vez assimilada como instrumento social, a escola passa a ser parte integrante da sociedade e por essa razão a comunidade também assume o papel contribuinte com a constituição da cidadania.

Assim, deve-se debruçar sobre perguntas que estimulem a compreensão se a escola vem cumprindo o seu papel como instrumento social e se a metodologia tradicional tem alcançado respostas satisfatórias na formação desses cidadãos e qual cidadão ela tem constituído.

Além disso, procurar entender se a morfologia da cidade atende a escola como parte inclusiva ou a segregação de sua comunidade. E por vez, questionar e refletir o papel do arquiteto no desenho da escola que deve colaborar em conjunto com a sociedade e garantir o pertencimento, o conforto e a aplicação da metodologia pedagógica no ambiente escolar para que estimule as potencialidades dos alunos dentro de suas propostas de ensino.

1.1 A metodologia tradicional e o indivíduo

A metodologia tradicional é predominante no Brasil (MuseuWEG, 2021) e para se entender o indivíduo que é constituído a partir dela, é necessário sobretudo, partir de uma abordagem histórica, bem como apresentar o conceito de ensino e o objetivo que se espera alcançar dentro dessa metodologia.

Compreende-se então que a formação da metodologia tradicional está atrelada ao pensamento e à construção de cenários presentes na sociedade brasileira, como menciona Kowaltowski (2011, p. 12): “a educação é vista como a transmissão de valores e o acúmulo de conhecimento de uma sociedade. Portanto, a história da educação também é a história de uma sociedade e seu desenvolvimento cultural, econômico e político”.

De acordo com a autora (*ibid*, p.13), o desenvolvimento das civilizações já demonstrava o ensino como parte integrante da vida social a princípio o conhecimento era compartilhado entre membros da família e, posteriormente, com a divisão de tarefas associadas ao gênero, o conhecimento saiu do núcleo familiar para um contexto social maior.

Todavia, é na Grécia que surgiram as primeiras ideias pedagógicas em que se buscavam o conhecimento através de um educador. É nesse contexto, que surgem as disciplinas intelectuais que darão bases aos conteúdos aplicados no ensino tradicional (*ibid*, p. 14).

Para Saviani (1999, p. 15), a formação da metodologia tradicional – ou conforme conceituado pelo autor: “teorias não-críticas”, cujo desenvolve a teoria baseada na educação centralizada no professor – surgiu pelo interesse da classe dominante – a burguesia – em constituir uma sociedade democrática. O pensamento dessa sociedade entendia que a marginalidade ocorria devido a um fenômeno acidental e não o compreendia como um problema social.

Contudo, a marginalidade foi associada à falta de conhecimento – à ignorância – e para estabelecer a consolidação dessa sociedade nos moldes da democracia burguesa a metodologia tradicional serviu como o agente de correção dessa marginalidade com isso, a escola, designada como um instrumento para a transformação dos súditos em cidadãos, como descreve o autor Saviani (p.18):

A escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre-escola será o artífice dessa grande obra. A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhe são transmitidos.

Com a aplicação da metodologia tradicional verificou-se que os objetivos de correção da ignorância não estavam apresentando resultados satisfatórios, isso porque havia uma parte dessa sociedade que não ingressava na escola e os que frequentaram nem sempre se adaptavam ao tipo de sociedade que a burguesia queria consolidar. Não demorou muito para a sua metodologia abrir margem a questionamentos e críticas em relação à escola tradicional e conseqüentemente gerar o aparecimento de novas teorias e metodologias (*ibid*).

Portanto, é indubitável o questionamento no que se refere à metodologia tradicional que se perpetua até hoje. A formação desse cidadão é gerada pela base democrática da burguesia

dos séculos passados logo, se compreende que o pensamento base dessa sociedade já não se aplica atualmente, uma vez que o pensamento atual sobre a marginalidade não é um fruto da ignorância, mas uma consequência de um problema social complexo.

Além disso, a escola vista como um instrumento de correção é um paradoxo sobre a construção da cidadania junto ao desenvolvimento de ensino aplicado, que por sua parte é centralizado nos conhecimentos do professor e que proporciona a ele um lugar de autoridade, reforçando a criança a internalizar a ideologia de que a sociedade deve ser ministrada por uma figura que detém o conhecimento ou o poder, conforme explica Kowaltowski (2011, p.13):

Atualmente se espera que, na escola, realize-se a socialização intelectual da criança. Em geral, a sala de aula procura ser um modelo que mostra à criança como é a sociedade em que ela vai crescer e passar a vida. Na maioria das escolas, o professor ocupa o lugar de autoridade, e o princípio de igualdade de condições dos alunos é quebrado pelo aparecimento de líderes e por certa hierarquia que se estabelece entre eles. A retribuição pelo esforço ou pela inatividade se dá pela atribuição de notas. Os valores que regem o mundo dos adultos são transmitidos à criança pela rotina escolar.

De modo que essa imposição hierárquica é que constitui um cidadão não-crítico e com dificuldades de criar pensamentos analíticos e, por consequência, vulneravelmente manipuláveis, impossibilitando também a sua posição como cidadão já que este indivíduo não consegue se reconhecer como parte essencial nas decisões e transformações da sociedade, conforme já reforçado por Saviani (1999).

1.2 A cidade e a escola: repensar a educação

Partindo do estudo em escolas públicas feito por Faria (2019, p. 13) verificou-se que a comunidade escolar estava insatisfeita com a metodologia tradicional. Essa insatisfação se deu por muitos motivos e eram divergentes as opiniões entre alunos, pais e professores. A partir dessa observação, a autora foi pesquisar metodologias inovadoras em busca de apresentá-las a comunidade e obter respostas mais satisfatórias para seus usuários.

Assim, esta autora desenvolveu uma proposta escolar que não tinha “cara de escola”, com um modelo “mais fluído, sem tranca, sem porta e sem fundo”, porém fez com que o inesperado acontecesse: a rejeição ao projeto por parte da comunidade escolar. Conforme descreve no seu relato sobre a experiência:

Ninguém entendia bem o que era aquilo, ninguém reconhecia naquele objeto um armário, digo, uma escola. Menos as crianças que, por sua vez, pareciam bem interessadas, e logo se puseram a experimentar as novidades, brincando, pulando... virando tudo de ponta-cabeça, como ela tinha sonhado. Nem parecia mais um armário. Pois aí é que estava o problema: nem parecer mais um armário... Porque isso preocupou ainda mais os adultos e colaborou para aumentar o nível de rejeição do novo objeto por parte deles, que são, afinal de contas, quem decide sobre os armários (*ibid*, p. 14).

Dessa forma a rejeição estava relacionada à insegurança, já que na proposta apresentada cabiam argumentos a esta comunidade sobre o novo modelo vir a trazer o declínio de sua avaliação de desempenho escolar e abalar a relação existente dos pais com a escola, pois não conseguiam reconhecer um sistema de ensino fora dos moldes tradicionais, mesmo que ainda insatisfeitos. E ainda descreve que as críticas a levaram a uma nova abordagem em que envolver a comunidade no projeto seria o primeiro passo para uma resposta mais assertiva, respeitando-os e ouvindo suas necessidades, acrescenta a autora e reforça (p.15):

Diante de sua teimosia e obsessão parou um instante para se perguntar: será que continuava repetindo o que diziam que os arquitetos de todos os tempos sempre fizeram? Que era não ouvir o que os usuários querem e, todo custo, com argumentos malabarísticos, imporem sua vontade em nome da técnica e do (próprio) gosto e vontade? Para seu desaponto, sim! Ela estava fazendo exatamente isso! [...] e passou a se empenhar em descobrir como fazer escolas melhores, mas... desta vez havia aprendido a lição: não poderia colocar em risco a *essência-armário da escola*.

Ao criar possibilidades de participação da comunidade ao projeto é que se parte da ótica em que o papel do arquiteto não é solo, é um trabalho no qual se desenvolve em conjunto com as pessoas e não partindo de sua compreensão e análise própria, como menciona Toyo Ito (GARCIA, 2013): “jamais pense como arquiteto. Sempre pense como um ser humano comum. Não se enquadre num estilo de arquitetura, isso limitará sua imaginação”.

O ambiente escolar segundo Kowaltowski (2011, p.11) se deve integrar a comunidade e se trata de uma proposta multidisciplinar, ou seja, que não se restrinja apenas a sua pedagogia ou arquitetura: “o edifício escolar deve ser analisado como resultado da expressão cultural de uma comunidade, por refletir e expressar aspectos que vão além da sua materialidade”.

Conforme assevera Faria (2019, p. 16), ao se considerar fazer uma nova proposta escolar junto à comunidade começou a surgir as primeiras problemáticas: ocorreu que ao discutir e imaginar um novo modelo de escola, ficou explícito a dificuldade de fugir dos padrões

já consolidados e um desafio para conseguir fazer com que as pessoas enxergassem outras possibilidades sob essa questão:

Compreensível, pois foi tanto tempo tentando ensinar-e-aprender ali dentro que ninguém mais, nem mesmo as crianças, conseguiam imaginar e desejar algo que não fosse absolutamente idêntico a um armário. Pois é: o mal estava feito: a naturalização de um modelo! Como se tivesse nascido em árvore ou caído do céu. A força da impregnância da forma escolar havia moldado e congelado a percepção de todos. Pois que sonhos poderiam ser sonhados dentro de armários que não fossem sonhos com cara de filhotes-de-armários? Se a forma conforma nossas ideias, como pensar diferente frequentando espaços tão homogêneos, controlados e previsíveis? (*ibid*).

Logo, o desestímulo ao pensamento crítico e a criatividade impossibilitam o indivíduo a ter outras percepções e acaba sendo condicionado a um sistema tradicional, sem visão de mudança, afinal não consegue ver e identificar pontos que possam ser transformados e até englobar outros assuntos correlacionados dentro dessas mudanças.

Ao contrário de alguns países desenvolvidos, como a Dinamarca por exemplo, que estimula o senso crítico da criança em seu desenvolvimento escolar e que faz parte da fundamentação educacional do país, assim elas possuem liberdade para questionar o sistema ou até mesmo as autoridades, conforme menciona Russell (2015, p. 221) em sua pesquisa sobre o assunto ao entrevistar Karen Bjerg Petersen – responsável pelo departamento de pesquisa da Universidade de Aarhus, localizada na península de Jutlândia na Dinamarca. Nas próprias palavras de Petersen: “ensinamos as crianças a pensar e decidir por si mesmas, não apenas a passar nas provas [...]. Nós as encorajamos a serem críticas em relação ao sistema”, com isso contribui para a formação de um cidadão baseado nos valores de igualdade e visão democrática do país.

Para conseguir encontrar respostas que se encaixassem na realidade de nossas escolas públicas, Faria (2019, p.16) seguiu levando em consideração que a imaginação é uma grande ferramenta de estímulos cognitivos, e sua pesquisa partiu em busca de tornar mais lúdico o exercício de pensar em um novo modelo escolar: “então propôs várias atividades, disfarçadas em brincadeiras [...] assistiram filmes, leram textos, visitaram escolas e outros espaços interessantes, discutiram muito, misturando os diferentes grupos. Fizeram poemas, desenhos, projetos, maquetes”

E toda essa brincadeira levou os envolvidos a pensarem, a questionar e imaginar novas concepções de escola e fizeram com o que os grupos passassem a ter respostas diferentes sobre

o que queriam, ou seja, a comunidade escolar era formada por pessoas que não portavam as mesmas necessidades. Ao mesmo tempo que os levaram a outras perguntas, se não era possível a mudança atingir também a merenda, a limpeza e até as avaliações aplicadas e as discussões seguiram avançando a ponto de sair do lote em que era implantada a tal escola, como nas palavras da autora: “e não é que descobriram muitas coisas interessantes em volta da escola?! Lugares que nunca tinham reparado: uns feios e outros bonitos, uns grandes e outros minúsculos e um monte de espaço largado, malcuidado, mas que pareciam loucos para serem apropriados” (*ibid*, p.17).

O que nos faz refletir o quão importante são as conexões com o entorno e comunidade, como a cidade é um ambiente de aprendizagem que não se concentra apenas dentro do edifício que se denomina de escola. Bem como, a incitação pelo desenvolvimento de atividades sociais desperta a evolução nas relações interpessoais e reforça um dos pilares da educação – a cidadania – além de criar possibilidades de projetos com a comunidade, conforme descrito na pesquisa da autora Faria (2019, p.18):

A cada dia era uma novidade. Numa das reuniões-expedição encontraram um terreno ideal para fazer uma horta da escola, já que o pátio da escola tinha sido todo cimentado, pois a diretora tinha horror de sujeira dentro da escola. De quem seria aquele terreno? Alguém se prontificava a descobrir. Além disso, descobriram também onde cada um morava, e perceberam que os professores, quase todos, não conheciam o bairro, pois não moravam lá. Então escreveram um projeto juntando português e geografia onde os professores visitariam as casas dos seus alunos, junto com toda turma da respectiva sala.

A comunidade formou então uma comissão a fim de buscar meios de tornar viável todas as mudanças que foram discutidas, encaminhando as propostas aos órgãos de gestão pública responsáveis pelo setor. Por consequência, ela se deparou com a realidade do departamento público ainda ser inflexível a novas propostas de requalificação do ambiente escolar e ainda da desassociação da escola com a cidade, alegando de acordo com a autora que segundo eles: “projeto de escola não tem nada a ver com projetos urbanos. Cada coisa no seu lugar” (*ibid*, p. 18).

Se a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) determina que o ensino tem como base: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”, é contraditório na prática as condições burocráticas e o pensamento da gestão pública que demonstra não compreender a liberdade citada na lei se não

estiver relacionada a metodologia pedagógica e arquitetônica da escola tradicional, o que fortalece a crítica da autora (p.18):

Seus ambientes, a forma e os materiais com que ela tinha sido construída, as texturas, seus tamanhos, seus altos e baixos, suas aberturas, a luz, os sons, os cheiros, as passagens, as sensações, sua arquitetura, enfim – pois isso tudo é arquitetura – era como não tivesse nenhuma relação com tudo aquilo. A fábrica de escolas continuava produzindo suas fornadas, aprimorando tecnicamente seus ingredientes, mas mantendo a receita de sempre. E assim seguiam sendo inauguradas escolas-armário em cidades-máquinas-de-deseducar. Ambas se desconhecendo e se evitando mutuamente.

Além disso, esse contexto abre parâmetros para concluir que não há diálogo e discussões entre as pessoas, afinal a escola é de interesse de toda a comunidade, o que na prática se demonstra o contrário, sendo um assunto desestimulado à mudança e com pouca intervenção no sentido de realmente discutir a educação envolvendo a todos nesse processo.

Essa segregação do tema por nicho de atividade não só contribui em manter a consolidação do ensino tradicional, como faz os profissionais se adaptarem ao sistema imposto e os desestimulam assim como com as próprias crianças a pensar por outros caminhos e construir juntos o desenvolvimento desse objetivo comum. O que aparenta é que o reflexo dessa educação também gerou conflitos no comportamento desses cidadãos adultos que por sua vez, deveriam ser capacitados a criticar e debater de forma conjunta os interesses próprios e coletivos.

Faria (2019, p. 23) complementa seu discurso apontando a problemática dessa instância: “Mundos paralelos. Entre as prateleiras das universidades, as pranchetas dos escritórios de Arquitetura e Urbanismo e os gabinetes e canteiros de obras públicas existe um grande desvão, onde nem polêmica há, mas sim, ausências, interrupções, isolamentos”.

Ao se deparar com que todas essas circunstâncias que giram em torno da escola: a cidade, a comunidade, a metodologia de ensino, os órgãos públicos, os arquitetos e urbanistas, todos, sem exceções, pode-se estar contribuindo – ao não questionar a educação – com que as gerações carreguem o legado de viver em “armários” em todos os âmbitos da vida? A situação atual da educação condiz com sua função social, ela realmente cumpre seu papel de desenvolver cidadania? Faria (2019), argumenta que: “resultam em espaços cuja pedagogia silenciosa, inscrita em suas paredes, nos ensina a disciplina, a segregação e o controle [...] não permitem a

prática e o desenvolvimento das múltiplas linguagens, da curiosidade, do imprevisto e da liberdade” (*ibid*, p. 24)

E se pode acrescentar ainda que para repensar a educação é necessário estimular o debate e o pensamento coletivo em prol de melhorias. É um exercício que para além de um único agente dentro do sistema de ensino, é reconhecer que se precisa uns dos outros, um trabalho em conjunto para construir escolas melhores e conseqüentemente formar cidadãos diferentes daqueles constituídos pelo ensino tradicional.

E ainda compreender que a escola e a cidade “não são coisas diferentes”, como disseram os órgãos públicos, toda a cidade é ambiente de aprendizado afinal é por ela que habitará seus alunos, cidadãos. É indispensável o reconhecimento de um como parte integrante e complementar do outro, o desvinculo de ambos acarreta em uma sociedade com as mesmas características.

1.3 A metodologia autônoma de José Pacheco

O pedagogo José Pacheco é mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto em Portugal, e ele se tornou referência mundial pela forma de ensino inclusiva e inovadora. Seu reconhecimento se deu ao ingressar no corpo docente da Escola da Ponte em Portugal e consolidar sua metodologia nomeada de “Fazer a Ponte” (BALDISSERA, 2022).

Por volta de 1976 a ditadura portuguesa havia saído do poder, entretanto as conseqüências do regime abalaram as estruturas sociais que viveram sob o regime por cerca de 48 anos. As escolas públicas estavam em um cenário de precariedade e muita violência, o que causou desmotivação por parte dos profissionais, que em contrapartida, desmotivava os próprios alunos por não se encontrarem na metodologia de ensino aplicada (FONTANA, 2018, p. 14).

Em suas próprias palavras, José Pacheco menciona qual era o cenário que encontrou ao chegar à Escola da Ponte o ambiente era extremamente complexo, não apenas pela sua forma pedagógica aplicada, conforme descreve sua percepção sobre o cenário da escola:

Em 1976, a Escola da Ponte defrontava-se o isolamento face à comunidade de contexto, o isolamento dos professores; a exclusão escolar e social de muitos alunos,

a indisciplina generalizada e agressões a professoras, a ausência de um verdadeiro projecto e de reflexões crítica das práticas... (PACHECO, 2004, p. 6).

Além disso, o autor ainda descreve (*ibid*, p.6) que um dos problemas estava no próprio corpo docente, uma realidade em que os professores se isolavam nas salas de aula e não compartilhavam de projetos, diálogos em conjunto para construir mudanças na escola. E por se tratar de uma instituição de ensino tradicional, o ensino era centrado no professor, promovendo a falta de identidade e pertencimento dos alunos que possuíam diferentes culturas e não se encontravam na metodologia aplicada.

As crianças traziam problemas sociais do bairro no qual residiam em forma de comportamentos que eram reflexos dessa realidade, comprovando a necessidade de um olhar mais afetivo e emocional para estas crianças. Outrossim, é nítido a forma da escola como “agente de correção” (SAVIANI, 1999), e isso se expandia como continuidade a educação familiar, onde a escola orientava as famílias de alunos indisciplinados ao castigo como forma de reparação ao comportamento e induzindo ao “adestramento cognitivo” da criança (PACHECO, 2004, p.7).

O autor (*ibid*, p.7) continua a sua descrição sobre o cenário da escola e faz observações quanto a ambientação escolar: “a escola funcionava num velho edifício contíguo a uma lixeira. Nas paredes cresciam ervas. O banheiro estava em ruínas e não tinha porta”. Dessa forma os alunos não encontravam o reconhecimento e pertencimento não apenas na sua metodologia de ensino, mas também na materialidade do espaço de aprendizagem.

Para Kowaltowski (2011, p. 43) é fundamental o ambiente escolar ser constituído de forma a considerar que: “existe a necessidade de “humanizar” o espaço interno, atribuindo-lhe características pessoais, adequar a proporção à escala humana”. Corroborando com a autora e atribuindo uma visão muito similar, Pacheco (2004, p.7) a fim de proporcionar mudanças no ensino e nos ambientes da Escola da Ponte, afirma que era: “[...] indispensável alterar a organização das escolas, interrogar práticas educativas dominantes. É urgente interferir humanamente no íntimo das comunidades humanas, questionar convicções e, fraternalmente, incomodar os acomodados”.

Como menciona Fontana (2018, p. 14), diante da realidade em que se encontravam, a equipe escolar passou a perceber que eram necessárias mudanças no ensino da escola e que ajustes ou medidas provisórias não resolveriam os problemas complexos que giravam em torno da qualidade de ensino e de seu relacionamento com a comunidade escolar. Essas mudanças,

que o autor vai descrever como “uma verdadeira revolução pedagógica”, iriam de encontro com os pensamentos do então professor José Pacheco, partindo da vontade de se construir uma realidade onde os alunos teriam autonomia e seriam providos de oportunidades para desde cedo se reconhecerem e executarem a cidadania.

De maneira que se partiu do projeto que futuramente se consolidaria na metodologia Fazer a Ponte, cuja sua base de ensino era estimulada pela troca de experiências entre alunos e professores e sair dos padrões da uma escola tradicional, conforme descreve o autor (*ibid*): “foi então que os educadores junto com José Pacheco resolveram inovar e elaborar uma proposta diferente, sem séries, sem ciclos, avaliações e com uma arquitetura que permite a convivência”.

Os valores que fundamentam a metodologia são autonomia, solidariedade e democraticidade. Os professores assumem a posição de tutores e o conhecimento deixa de ser centralizado e hierárquico e passa a ser estimulado ao próprio aluno dentro de sua autonomia, é por isso que ao invés de séries e separação por idade, o ensino passa a ser organizado por núcleos de aprendizado, ou seja, pelo desenvolvimento do aluno (*ibid. p.15*).

Os núcleos de aprendizagem são formados por: “iniciação, desenvolvimento (ou consolidação) e aprofundamento, em que o critério de avaliação para a transição desses núcleos é através do processo de autonomia adquirido pelo aluno” (CANAL FUTURA, 2016; FONTANA, 2018, p.15).

Na iniciação é onde o aluno vai aprender as primeiras bases do ensino como a leitura e a escrita, por exemplo, e onde o aluno será guiado pelo tutor na maior parte do tempo e a filosofia aqui é que o aluno aprenda a aprender. Sobretudo, irá desenvolver nessa fase o estímulo ao convívio coletivo e as bases que formam os valores da metodologia, a fim de internalizar nas crianças, o respeito, a afetividade, a solidariedade e a democracia, transmitindo o pensamento ao aluno de que esses valores e atitudes são tão importantes quanto as competências curriculares que se esperam atingir na escola (*ibid*).

No núcleo do desenvolvimento, o aluno é reforçado na autonomia, podendo ajudar e contribuir no aprendizado dos próprios colegas. O sistema de ensino é estabelecido pelos alunos junto aos tutores por temas dentro das áreas de conhecimentos a serem aplicadas do currículo nacional, entretanto, não é estabelecida necessariamente uma ordem no aprendizado da criança, é importante usar a própria curiosidade das crianças para o desenvolver de seu aprendizado. No aperfeiçoamento se espera que as crianças cheguem com as bases de valores e atitudes bem consolidadas, além de sua autonomia bem desenvolvida (*ibid*).

A metodologia vai em busca do “significado da aprendizagem”, é necessário fazer sentido naquilo que se está aprendendo para que o conteúdo não seja abandonado, desestimulado ou esquecido. Isso parte do interesse dos alunos, e assim, a escola entra com projetos capazes de aprofundar o assunto através das disciplinas relacionadas ao tema e ainda envolver a comunidade para colaborar com a realização desses projetos em prática. Além disso incentiva ao aluno que crie o sentido de transformação social e de coletividade, solidariedade e aplicação do seu papel social, cria significado do seu lugar no mundo e do poder da cidadania (CANAL FUTURA, 2016).

A avaliação de ensino se dá pelo aprendizado, acredita-se que um é sinônimo do outro e isso decorre do acompanhamento de ensino a este aluno e não por um sistema de provas. Outro entendimento que provém da metodologia é o trabalho em conjunto, desde a equipe escolar buscando diálogos e melhorias, quanto a inclusão das famílias e da comunidade (*ibid*). Como discursa José Pacheco em sua palestra em 2019 na TEDx: “o ato de aprender e ensinar é um ato solidário” e um ato solidário não se constitui pela individualidade, o egoísmo e competitividade, mas se pauta no respeito, afetividade e coletividade.

As oficinas também são realizadas de forma a complementar os conteúdos de aprendizagem e trazer aos alunos o estímulo de aprenderem independente do ambiente inserido, com o objetivo de desenvolver habilidades de forma lúdica, tornando a escola como referência, porém levando a criança a entender que o ensino não está condicionado a uma sala de aula. O estímulo a construção política também é incentivado nas crianças de modo que elas participem das decisões da escola, através de assembleias e rodas de reflexão, para que no futuro elas sejam capazes de tomar decisões sociais, cumprindo seu papel democrático e de cidadania (CANAL FUTURA, 2016).

Em suma, se entende que a metodologia Fazer a Ponte, não é embasada apenas no seu sentido teórico, ela é reforçada junto a sua aplicabilidade, capacitando os alunos a se tornarem cidadãos dentro de valores que refletirão em seu comportamento social agora e na vida adulta, além de contribuir com o ensino de forma significativa garantindo que o conteúdo adquirido não seja passageiro ou esquecido, mas agregando valor dentro da vida daquele indivíduo.

2. PROJETOS QUE INSPIRAM: ESTUDOS DE CASOS E PROJETOS DE REFERÊNCIA

Este capítulo irá conter projetos que inspirarão o desenvolvimento deste trabalho, de modo a contribuir com mais reflexões e discussões sobre o tema, abordando a metodologia de ensino inovadora em escolas nacionais e internacionais e como a arquitetura dialoga com o ensino aplicado, com a sua comunidade e com a cidade.

Para se compreender o estudo de caso analisado a seguir, foi necessário primeiramente entender o conceito de Escola Parque e a relação de Anísio Teixeira, o educador que contribuiu para o fundamento desse modelo escolar. Além disso refletir sobre a visão deste pensador que é, de fato, ainda muito atual, ao se pensar em requalificar a educação.

Segundo Ferrari (2008), Anísio Teixeira (1900-1971) foi o pioneiro na implantação das escolas públicas no Brasil, defendendo o acesso à educação para todos. Dessa forma, teve sua importante contribuição no setor durante o século XX, fato que irá marcá-lo como referência de grandes mudanças na área da educação, e servirá de inspiração até hoje para outros projetos escolares.

Ferrari (2008) relata, ainda, que ele acreditava na filosofia e foi inspirado em John Dewey, que lhe deu aulas durante sua pós graduação nos Estados Unidos e acreditava na educação como constância reconstrutora da experiência. O que inspirou a percepção de Anísio Teixeira de que os fatos são verdades indefinidas, e que, por elas se permite a continuidade, ou seja, ele acreditava na permanente mudança e a partir disso, um ciclo com continuidade conforme a transformação social.

Para Anísio Teixeira a educação precisava passar por uma reforma e adquirir uma nova visão da psicologia infantil, onde a aprendizagem não era voltada a memorização, mas ela tinha que possuir sentido daquilo que é ensino e complementar esse sentido no modo de agir. A escola por sua vez, torna-se um ambiente capaz de produzir o ensino e de pautá-lo em “atitudes, ideias e senso crítico” (*ibid*).

Com isso, Anísio Teixeira acreditava na formação do cidadão com base em: “formar homens livres em vez de homens dóceis; preparar um futuro incerto em vez de transmitir um passado claro; e ensinar a viver com mais inteligência, mais tolerância e mais felicidade” (*ibid*). E assim o autor Fontana (2008), reforça e complementa a didática de Anísio Teixeira com os valores em que acreditava:

Assim, uma criança só pode praticar a bondade em uma escola onde haja condições reais para desenvolver o sentimento. A nova psicologia da aprendizagem obriga a escola a se transformar num local onde se vive e não em um centro preparatório para

a vida. Como não aprendemos tudo o que praticamos, e sim aquilo que nos dá satisfação, o interesse do aluno deve orientar o que ele vai aprender. Portanto, é preciso que ele escolha suas atividades.

O governo de Otávio Mangabeira, permitiu que Anísio ocupasse cargo na Secretaria de Educação do Estado da Bahia (1947-1951), em que buscou desenvolver um projeto de requalificação do ensino no Estado. A inserção desses centros de ensino para crianças de até dezoito anos, tinha por finalidade construir uma escola de tempo integral onde seriam aplicados os valores educacionais defendidos por sua visão metodológica, além de garantir que os alunos possuísem direitos a “alimentação, higiene, socialização e preparação para o trabalho e cidadania” (MENEZES, 2001).

Entretanto, apenas o Centro Educacional Carneiro Ribeiro foi concluído, que ficou conhecido como Escola Parque (*ibid*). Foi inaugurado em 1950, no bairro populoso da Liberdade em que habitava pessoas de baixa renda e viviam em meio a uma realidade escassa de infraestrutura urbana (UFBA, 2022).

Este modelo de Escola Parque, além das contribuições a sua comunidade, levou o nome de Anísio Teixeira a ser reconhecido internacionalmente e posteriormente serviria de referência a Darcy Ribeiro durante seu cargo como Secretária da Educação no Rio de Janeiro, com a criação dos Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs – por volta dos anos 1980 (MENEZES, 2001).

A arquitetura foi projetada por Diógenes Rebouças, que buscou integrar a escola com a comunidade e reforçar a cultura local através de pinturas em seu interior de artistas baianos da época. Menezes descreve a composição da Escola Parque da seguinte forma:

Destinado ao nível primário, o centro educacional era composto de quatro “escolas-classe” e uma “escola parque”, segundo a proposta de alternar atividades intelectuais com atividades práticas como artes aplicadas, industriais e plásticas, além de jogos, recreação, ginástica, teatro, música e dança, distribuídas ao longo de todo o dia.

No documentário “Minha Escola, Meu Lugar” (REDE ANÍSIO TEIXEIRA, 2018) é notável que este modelo de escola hoje cumpre um papel além da educação aos alunos, ela inclui a sua comunidade no ambiente escolar permitindo que as oficinas desenvolvidas sejam abertas ao público e que os familiares possam frequentar a escola assim como as crianças. Carrega aos adultos e as crianças o sentimento de pertencimento, respeito e estimula a auto estima das pessoas garantindo a elas a visão de valor sobre si mesmas.

2.1 Estudo de Caso: Escola Parque – EMEI Cleide Rosa Auricchio

A escola EMEI Cleide Rosa Auricchio é uma escola de educação infantil localizada na cidade de São Caetano do Sul – SP, cidade que possui o maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil (PROJETO, 2021). A escola foi desenvolvida pelo escritório de arquitetura Carolina Penna Arquitetos com colaboração de profissionais envolvidos nas áreas determinantes ao projeto, conforme descrito na ficha técnica disponibilizada pelo próprio escritório (PENNA) e replicados na tabela abaixo:

Tabela 1 - Ficha técnica da escola EMEI Cleide Rosa Auricchio

| Ficha Técnica |
|--|
| Área do Terreno: 6.600 m² |
| Área construída: 1.400 m² |
| Ano de início do projeto: 2018 |
| Ano da conclusão da obra: 2021 |
| Arquitetura: Carolina Penna Arquitetos |
| Equipe: Ana Wen e Lucas Albano |
| Paisagismo: Gabriella Ornaghi e Bianca Vasone Arquitetura da Paisagem |
| Comunicação Visual: Estúdio Arnold |
| Fotografia: Ana Mello e Pedro Mascaro |

Fonte: Site CAROLINA PENNA ARQUITETOS, acesso em: 17 de setembro de 2022.

A implantação concebia na inserção do projeto em meio a uma importante praça já existente devido a sua memória coletiva, pois ali foi construído a primeira escola pública do município. Com isso, um dos fatores primordiais do projeto foi criar o uso compartilhado com a comunidade (PROJETO, 2021).

Fotografia 1 - Escola Parque EMEI Cleide Rosa Auricchio



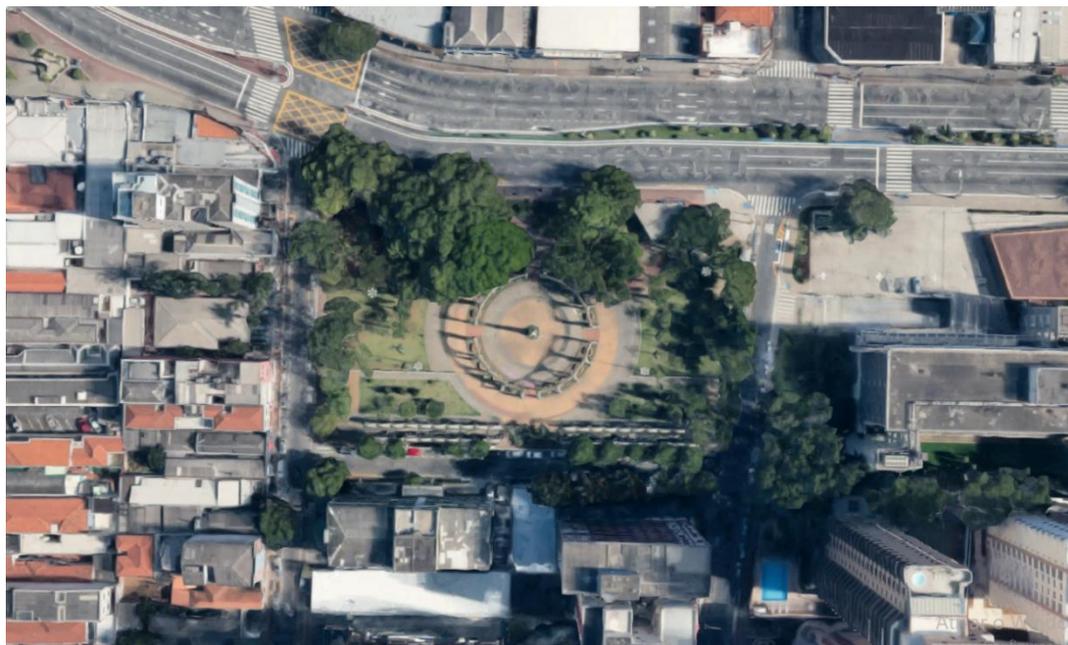
Fonte: MELLO, Archidaly Brasil, acesso em: 17 de setembro de 2022.

A revista Projeto (2021) menciona ainda que uma das diretrizes do projeto era romper com o modelo tradicional da arquitetura escolar: “formado por grandes corredores e salas de aulas que caracterizam certa imposição aos alunos de maneira que o aprendizado é transmitido aos interlocutores sentados em cadeiras enfileiradas”. Conforme menciona Penna (*ibid*), arquiteta responsável pelo projeto:

Essa mudança é importante porque o modelo antigo é a angústia dos educadores. As transformações são muito lentas, demora para que as críticas consigam alterar a forma das salas de aulas, então a pedagogia muda, mas o espaço físico vai permanecendo inalterado ao longo do tempo.

Outro fator na concepção do projeto foi que a arquiteta procurou conservar as árvores de grande porte existentes, e assim, a inserção da escola se encaixou meio ao parque onde se constituía uma clareira, que já estava impermeabilizada e continha “algumas colunatas sem valor arquitetônico”, como podemos ver na imagem 1. A escola e a comunidade se integram no projeto através do uso ser flexível e poder se tornar um local de encontro para a população, permitindo inclusive que a associação do bairro pudesse usufruir do espaço escolar (*ibid*).

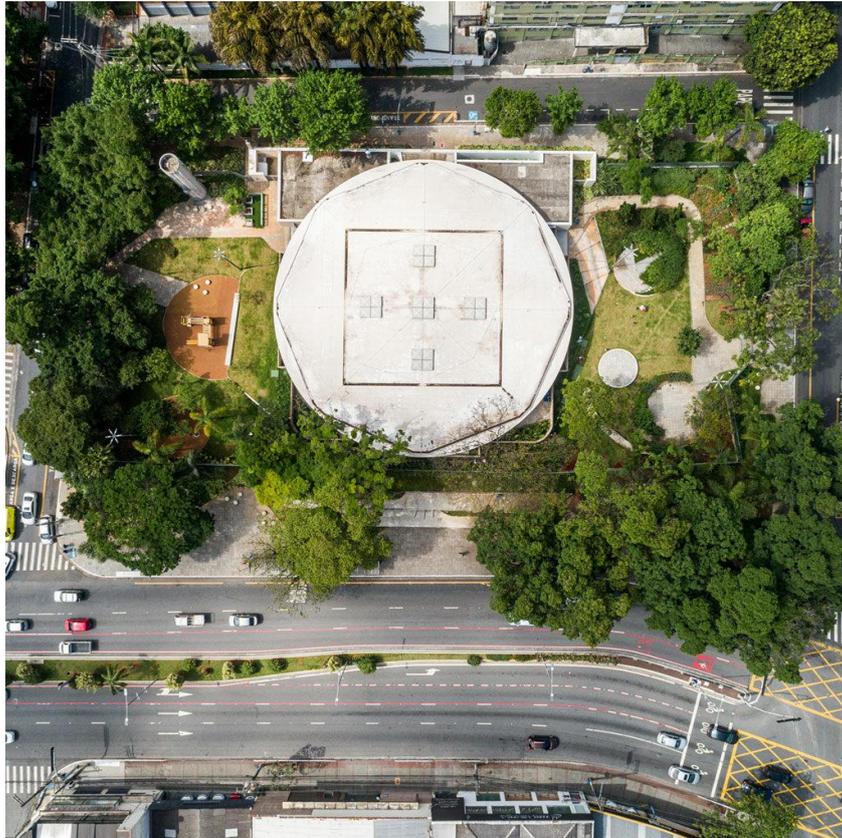
Fotografia 2 - Vista Aérea antes da intervenção



Fonte: Google Maps, acesso em: 27 de setembro de 2022.

Ao se comparar com a vista aérea atual que contém o projeto finalizado – como demonstra a fotografia 2 – consegue-se perceber como a arquiteta foi assertiva em suas escolhas e diretrizes, isso porque a forma da cobertura remete ao desenho da praça antes da intervenção e ao mesmo tempo cria uma nova plasticidade circular e funcional ao uso, apropriando-se através da inserção de claraboias o estímulo a luz natural e ainda respeitando sua memória viva, comunidade e entorno.

Fotografia 3 - Vista Aérea da Escola Parque



Fonte: MASCARO, Revista Projeto, acesso em: 25 de setembro de 2022.

De acordo com o zoneamento do município (PREFEITURA DE SÃO CAETANO DO SUL, 2018) a área da escola está inserida na zona Z-9 destinada a usos institucionais. O mais interessante de analisarmos o zoneamento e o entorno imediato é que conseguimos ver a transformação que este território vem decorrendo, é notável que, o bairro vem adquirindo uma característica de usos mais mistos, com comércios, serviços e residências.

Pode-se concluir também que os comércios e serviços nas vias coletoras ainda carregam uma arquitetura vernacular embora seu uso tenha se alterado, diferentemente dos comércios na via arterial – a Avenida Goiás – que como se abrange um maior fluxo acaba carregando características arquitetônicas que conversam mais com o tipo de uso.

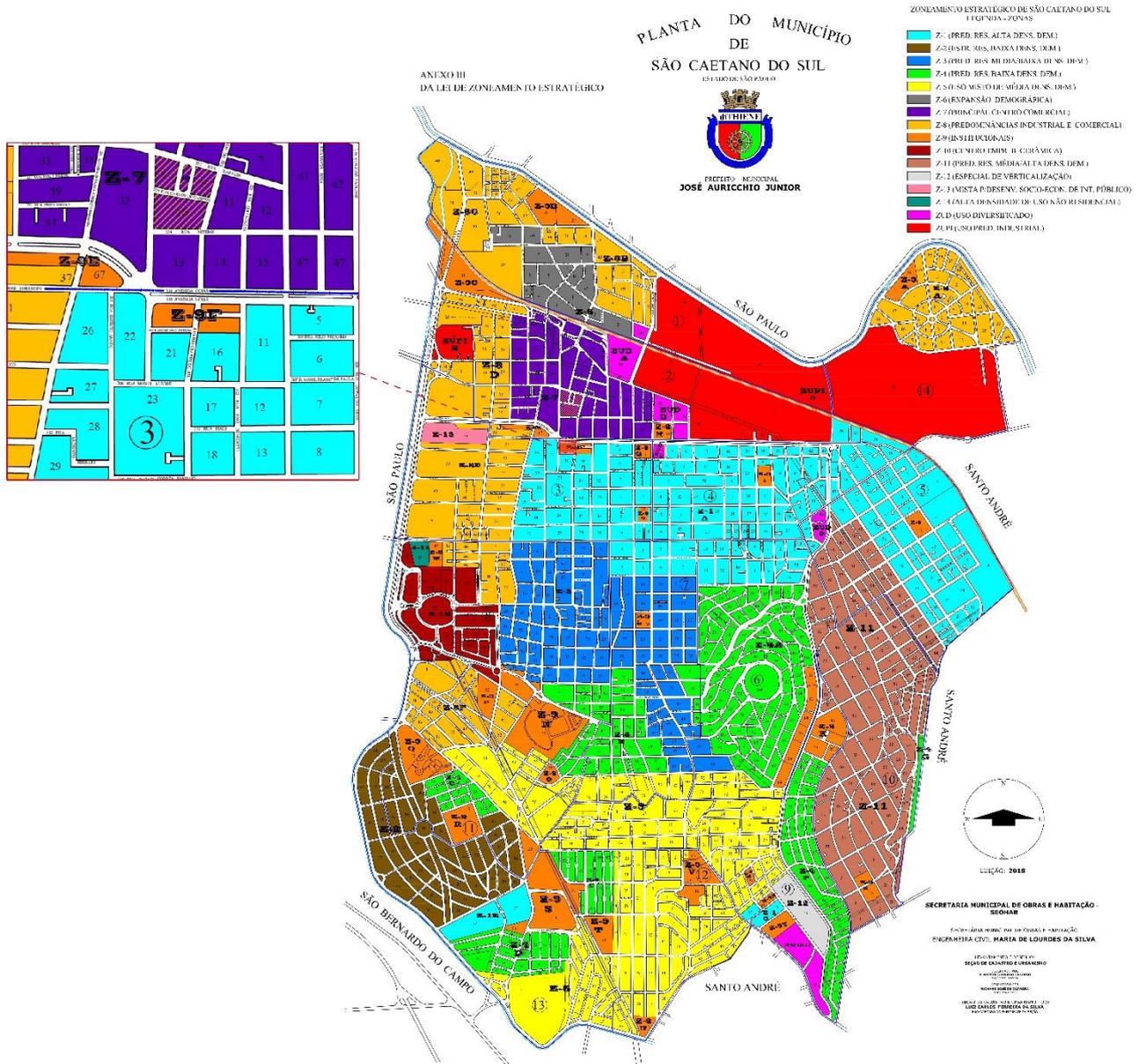
Fotografia 4 - Edificações do entorno: Rua Manoel Coelho



Fonte: Autorial, 2022.

Já o gabarito, embora o zoneamento sugere que seja estimulado o uso residencial de alta densidade, em que se concentre uma maior verticalização, o entorno ainda se caracteriza pelo gabarito mais baixo com predominância de até três pavimentos na maioria das quadras do entorno imediato. Com característica mais densa, na Rua Rio Grande do Sul, paralela à escola.

Imagem 1 - Zoneamento Municipal de São Caetano do Sul



Fonte: Prefeitura de São Caetano do Sul, modificado pela autora. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

Fotografia 5 - Edificações do entorno: Rua Rio Grande do Sul

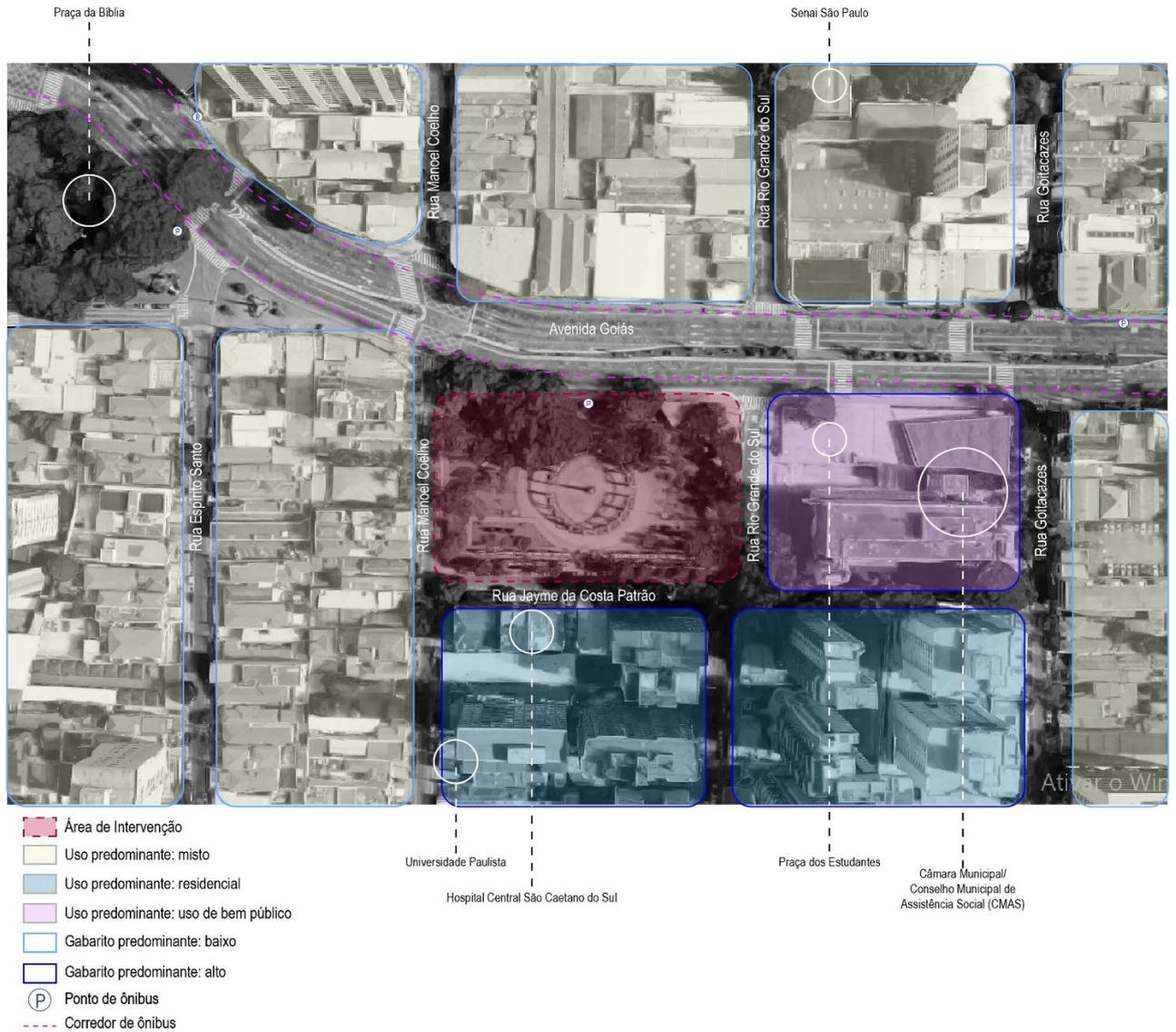


Fonte: Autorial, 2022.

Por ser uma região de centralidade, agrega alguns equipamentos urbanos, como a Câmara Municipal que integra também o Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) e a Praça dos Estudantes. Em relação ao setor educacional tem-se a Universidade Paulista (UNIP), instituição acadêmica particular e o Senai São Paulo que disponibiliza em sua programação cursos gratuitos a população.

Além disso, o local tem acesso ao Hospital Central São Caetano do Sul, que fica em frente a entrada principal da Escola Parque. Outra ligação importante é a Praça da Bíblia, bem arborizada e constituída de um arco em concreto que carrega o nome da praça, e ao mesmo tempo serve de assento aos usuários, com isso formando um ponto nodal significativo para quem ali habita.

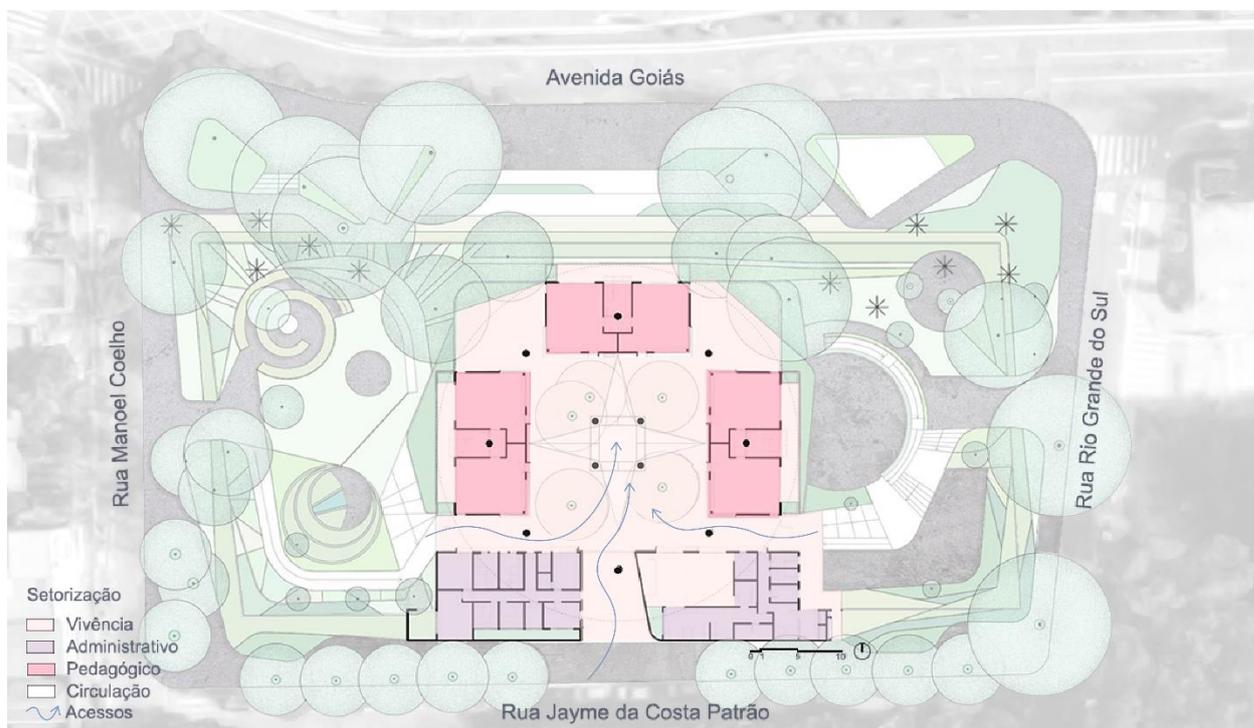
Imagem 2 - Entorno imediato



Fonte: Google Maps, modificado pela autora. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

Os acessos a escola foram definidos pelas ruas de menor fluxo, sendo seu acesso principal pela Rua Jayme Costa Patrão. Os setores administrativos estão localizados próximo à entrada principal e seguidos da praça central coberta, área de vivência aos alunos e a comunidade cercados pelos usos pedagógicos. O desenho dos acessos verticais dialoga com o partido arquitetônico do edifício e brinca com a forma orgânica desses caminhos criando entre eles áreas permeáveis e impermeáveis como se chegasse a pequenas praças beirando o percurso, como mostra a implantação do projeto na imagem 3.

Imagem 3 - Implantação EMEI Cleide Rosa Auricchio



Fonte: PROJETO, Google Maps, modificado pela autora. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

O local de implantação da Escola no lote possibilitou também que houvesse uma distância necessária para que o ruído vindo da avenida Goiás não fosse um problema, permitindo inclusive o alargamento da calçada gerando um melhor conforto ao pedestre e melhorando o compartilhamento da mesma com o ponto de ônibus existente (PROJETO, 2021).

Para Penna (*ibid*), a arquitetura deve expressar o programa em forma de acolhimento a fim de que as crianças se sintam confortáveis no ambiente escolar e sintam confiança para ter as primeiras relações sociais com pessoas fora do núcleo familiar. Com isso, a escolha dos materiais e a própria forma se complementam de maneira harmônica, reafirmando o objetivo da arquiteta em trazer a sensação de acolhimento para as crianças e sua comunidade:

Acolhimento, de fato, é sensação transmitida pela cobertura circular. Estruturada com vigas de madeira laminada colada de pinus e vedada com tripla camada – forro interno, também de pinus, chapa de madeira compensada e membrana externa de impermeabilização – ela recobre a totalidade da escola, abrigando os volumes de concreto e vidro que conformam as salas de aula. São cerca de 40 metros de diâmetro e vigas dispostas radialmente, apoiadas em doze pilares redondos de concreto, oito dos quais são aparentes. Considerando a necessária contenção de custos, especial atenção foi dada ao detalhamento estrutural de modo a ajustar balanços e vão a fim de obter grandes espaços livres sem onerar a construção (*ibid*).

Fotografia 6 - Praça central/ Pátio coberto



Fonte: MELLO, Archidaly Brasil, acesso em: 17 de setembro de 2022.

Fotografia 7 - Interação dos ambientes com o aprendizado



Fonte: MELLO, Archidaly Brasil, acesso em: 17 de setembro de 2022.

O desenho do piso também remete as formas das vigas dando a sensação de continuidade dos elementos. As salas de aula são compostas por lajes em concreto separadas da estrutura em madeira, permitindo com que o ambiente permaneça arejado e sempre haja uma

troca de color com o estímulo a ventilação natural. As esquadrias que dividem a praça central dos outros usos, podem estar abertas ou fechadas possibilitando que eventos ocorram no pátio da escola ao mesmo tempo em que ocorre o funcionamento das aulas. Ainda, amparam bancos de concreto para ambos os lados, possibilitando que não se quebre a continuidade dos ambientes, as divisões foram pensadas para ter funcionalidade além de apenas separação interna (PROJETO, 2021).

Fotografia 8 - Sala de aula



Fonte: MELLO, Archidaly Brasil, acesso em: 17 de setembro de 2022.

Fotografia 9 - Divisão dos ambientes



Fonte: MELLO, Archidaly Brasil, acesso em: 17 de setembro de 2022.

Fotografia 10 - Vão entre a laje das salas e a cobertura da edificação



Fonte: Autorial, 2022.

Os muros foram projetos a permitir que essa fluidez não se rompa com a comunidade conforme explica Penna (PROJETO, 2021): “Hoje em dia o medo faz com que as instituições de ensino se fechem com muros e grades, mas as escolas públicas de mais sucesso são aquelas que se abrem para a comunidade e tentam promover um movimento de expansão, e não de retração”.

Fotografia 11 - Muros: vista da Avenida Góias



Fonte: MELLO, Archidaly Brasil, acesso em: 17 de setembro de 2022.

Fotografia 12 - Muros: vista interna da escola



Fonte: MELLO, Archidaly Brasil, acesso em: 17 de setembro de 2022.

Fotografia 13 - Muros: visita técnica



Fonte: Autorial, 2022.

Desde a calçada que envolve a quadra da Escola Parque, até os caminhos externos a edificação que levam a horta da escola e o parquinho, os pisos utilizados são de placas de

concreto drenante, que permitem a absorção da água da chuva. As áreas permeáveis contam também com árvores frutíferas e grande quantidade de forração, o que permite que essas áreas absorvam mais calor, melhorando o desempenho térmico da escola.

A diretora Héliida Thomazini explicou, durante a visita realizada na escola, que uma das bases de ensino é o respeito ao meio ambiente, e isso é transmitido às crianças através dessas pequenas escolhas, e que há um incentivando a toda comunidade a cuidar e conservar a horta, o jardim, os bens naturais da escola. É perceptível que isso de fato acompanha as crianças, pois, até mesmo os brinquedos disponibilizados pela escola são feitos com base sustentável, evitando o uso de plásticos e substituindo-os por madeira.

Fotografia 14 - Calçada da escola sentido leste



Fonte: Autoral, 2022.

Fotografia 15 - Calçada da escola sentido oeste



Fonte: Autoral, 2022.

Fotografia 16 - Caminho para a horta



Fonte: Autoral, 2022.

Fotografia 17 - Jardim da escola frente à Avenida Goiás



Fonte: Autorial, 2022.

Fotografia 18 - Jardim da escola paralelo à Rua Manoel Coelho



Fonte: Autorial, 2022.

Fotografia 19 - Horta



Fonte: Autoral, 2022.

Fotografia 20 - Materiais para atividades escolares



Fonte: Autoral, 2022.

Fotografia 21 - Brinquedos

Fonte: Autoral, 2022.

O programa de necessidades se pautou na setorização de usos administrativos e serviços, pedagógico e áreas de vivência, conforme conseguimos ver pela planta na imagem 4 e no diagrama de setorização na imagem 5, e assim distribuídos de maneira que compatibilize funcionalidade, fluidez e conforto térmico. A a entrada de luz natural se deu pelas claraboias e a ventilação através do muro vazado, do sistema de ventilação cruzada, das aberturas de acessos laterais do parque e do solarium.

As seis salas de aulas são voltadas a praça central. Entre elas é compartilhando internamente o acesso ao banheiro das crianças, em que permitiu que o corredor que faz divisa com as duas salas adjacentes, pudesse ocupar o lavatório. Já no banheiro foi inserido a cabine com o sanitário e o fraldário. Todo o mobiliário pensado e voltado na escala da criança.

Fotografia 22 - Sala de aula: vista interna



Fonte: Autoral, 2022.

Fotografia 23 - Sanitário infantil



Fonte: Autoral, 2022.

Fotografia 24 - Lavatório



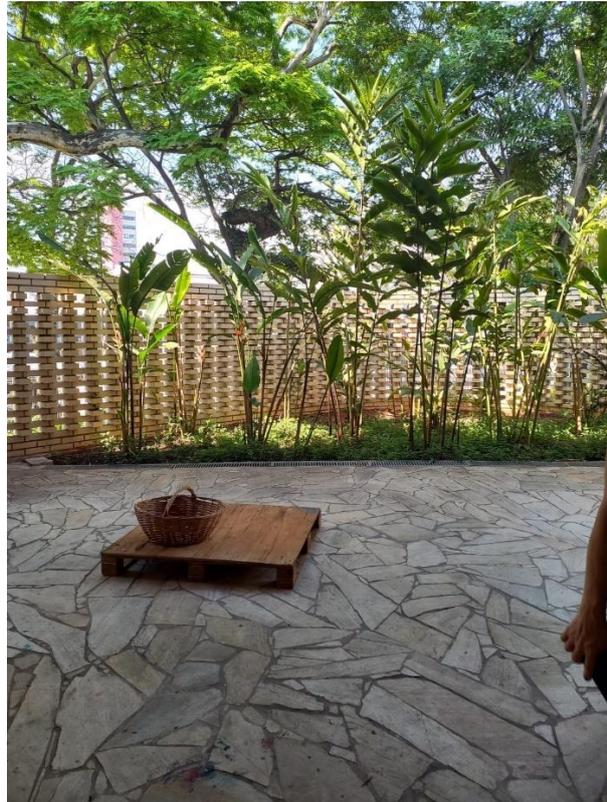
Fonte: Autoral, 2022.

Fotografia 25 - Solarium: espaço para artes



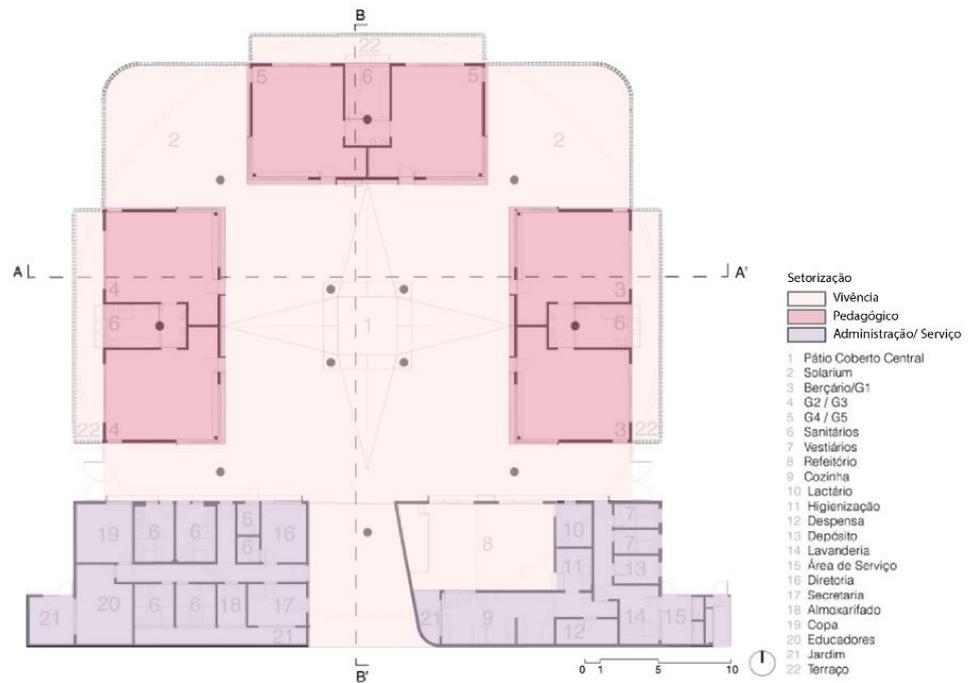
Fonte: Autoral, 2022.

Fotografia 26 - Solarium: área de ventilação e luz natural



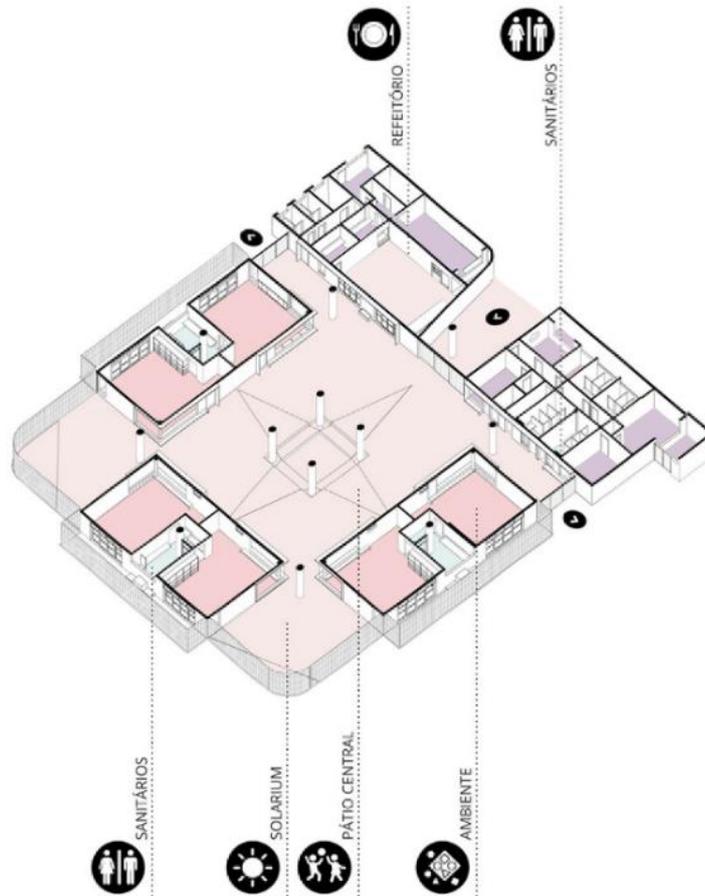
Fonte: Autoral, 2022.

Imagem 4 - Planta Escola Parque



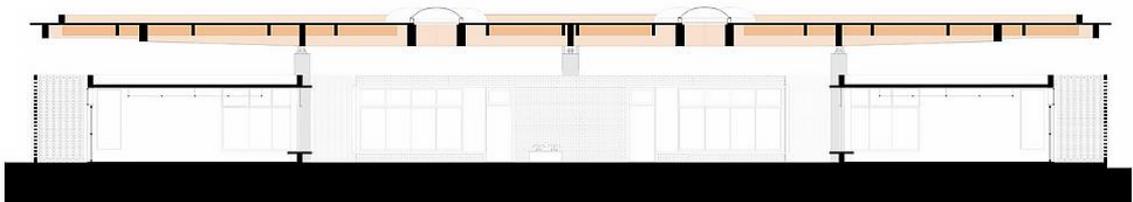
Fonte: PROJETO, 2021. Modificado pela autora. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

Imagem 5 - Diagrama: setorização



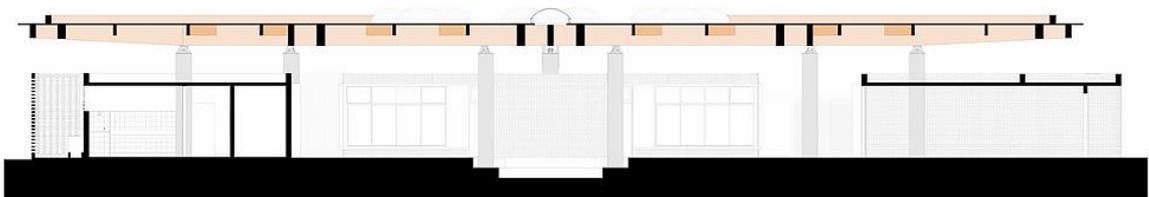
Fonte: PROJETO, 2021. Modificado pela autora. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

Imagem 6 - Corte AA Escola Parque

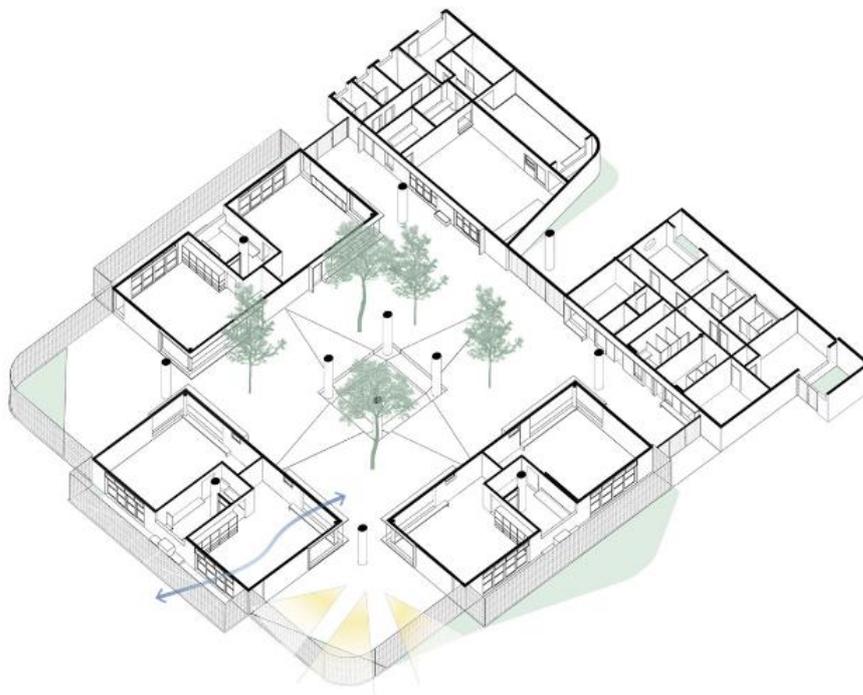


Fonte: PROJETO, 2021. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

Imagem 7 - Corte BB Escola Parque



Fonte: PROJETO, 2021. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

Imagem 8 - Diagrama: conforto térmico

Fonte: PROJETO, 2021. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

O conceito de acolhimento é expresso e perceptível e isso foi possível porque o projeto é claramente voltado para as pessoas. A escola é tem pontos assertivos em muito âmbitos, mas traz, sobretudo, uma reflexão de como o projeto é capaz de atingir essas respostas quando o trabalho é desenvolvido em conjunto com a sua comunidade, com os órgãos públicos, setores pedagógicos e arquitetônicos, logo, construir para as pessoas envolvendo as pessoas sem a segregação por atividade.

2.2 Projeto de Referência – Projeto Âncora

O Projeto Âncora é uma Organização não Governamental (ONG) localiza em Cotia – SP, destinada à educação de crianças que possuem baixa renda e estão em situação de vulnerabilidade, e são residentes do entorno. Embora o seu objetivo ainda seja constituir uma escola que possa ter o alcance de acolher os alunos sem diferencia-los pela renda familiar e transformar a escola em um lugar para todos (CANAL FUTURA, 2016).

O projeto foi idealizado pelo casal Walter Steurer e Regina Machado Steurer. Walter era um empresário da área de turismo e Regina arquiteta e urbanista que atuou em sua carreira

com trabalhos voltados a comunidades, assim como trabalhos sociais que lutam pelo direito à moradia (PROJETO ANCÔRA).

Como Walter era filho de austríacos que vieram residir no Brasil em condições de refúgio, o sentimento de gratidão se tornou um sonho, em que pudesse devolver ao país todo acolhimento que sua família recebeu aqui. Assim ele vendeu a empresa e com todo o dinheiro que investiu na construção do projeto, que em menos de um ano ficou pronto (CIDADE ÂNCORA, 2015). O primeiro nome do projeto foi “Cidade da Âncora” e foi criado em 23 de setembro de 1995 com a missão de “ser um espaço de aprendizagem, prática e multiplicação da cidadania” (PROJETO ANCORA).

No início, o projeto buscava dar apoio as crianças de escolas públicas após seu horário de aula em instituições de ensino tradicional, porém eles começaram a observar que não estavam conseguindo manter um diálogo entre a educação tradicional ao mesmo tempo que tentavam aplicar uma forma de ensino inovadora e foi com essa análise que se decidiu criar um ambiente escolar de período integral a fim de conseguir consolidar o trabalho desenvolvido e atender as necessidades das crianças (CIDADE ÂNCORA, 2015).

Walter Steurer, vem a falecer em 2011 e com isso o objetivo de consolidar o projeto como uma escola de período integral ganha força com a ajuda do Professor José Pacheco e de sua metodologia de ensino, em que ambos compartilhavam de valores e objetivos comuns para a escola que viria a se formar:

Projeto Âncora vem se consolidando como pioneiro de um trabalho de assistência social, que aliado à educação, fornece às crianças e jovens e suas comunidades as ferramentas necessárias para acabarem com o círculo vicioso da pobreza e contribuam para uma sociedade mais íntegra, justa e sustentável (PROJETO ÂNCORA).

Pautada na visão de autonomia e na metodologia Fazer a Ponte, de José Pacheco, a escola não possui séries, mas corresponde ao ensino infantil, fundamental I e II e ensino médio, seguindo os conteúdos exigido pelo Parâmetro Curricular Nacional (PCN) a diferença entre a escola Cidade Âncora e a educação tradicional é que não existe uma ordem para cumprir os conteúdos, os mesmos são estimulados pelo próprio aluno, de acordo com as suas necessidades (CANAL FUTURA, 2016; PROJETO ANCORA).

A escola defende cinco valores, e todo o aprendizado é voltado a estes valores que são: respeito, solidariedade, responsabilidade, afetividade e honestidade. Reforçando assim o

pensamento de que as atitudes importam tanto quanto o conteúdo que se espera que elas aprendam, como descreve a tutora e especialista de Português Caroline da Silva (CANAL FUTURA, 2016):

A iniciação tem os objetivos muito relacionados a contextualizar as crianças no que é educação para o Projeto Âncora, então entender que o conteúdo não é o mais importante, e que sem aprender a me relacionar é muito difícil ou muito superficial que eu aprenda os conteúdos. Escutar uma opinião diferente da minha, saber lidar com ela, agir afetivamente quando eu sou contrariado é tão importante quanto eu aprender a fazer uma produção textual com clareza, com coesão e com pontuação.

Ao iniciar o dia, as crianças organizam seu próprio cronograma de estudos, estimulando a elas, a compreender seu próprio ritmo de aprendizagem, a sua própria gestão de tempo que estimula o autoconhecimento e o desenvolvimento de sua autonomia, esse planejamento pode ser acompanhado pelo tutor ou desenvolvido de maneira mais independente, isso irá variar de acordo com o núcleo que a criança está inserida. Quinzenalmente as crianças junto aos tutores escolhem os conteúdos que irão desenvolver dentro desse período (*ibid*).

Com isso, o Canal Futura em seu documentário, reforça que, o aprendizado da criança é estimulado através de projetos e sonhos, como é baseado na metodologia de José Pacheco, o ensino precisa fazer sentido, dessa forma, o ensino vai se concentrar no interesse do aluno sobre as questões que nascem dentro dele e assim seguir em reflexo de projetos envolvendo a comunidade.

As oficinas que a escola oferece aos alunos são voltadas para que eles aprendam através de brincadeiras e que toda a escola, assim como a própria comunidade seja um ambiente de aprendizagem, no Projeto Âncora, escola e cidade não são segregadas, são compreendidas como um único agente de aprendizado (*ibid*).

Fotografia 27 - Projeto Âncora: rodas de aprendizagem



Fonte: JORNAL DAQUI. Acesso em: 29 de outubro de 2022.

Fotografia 28 - Eventos escolares



Fonte: O QUINTAL DE FULANA E MELÃO, 2017. Acesso em: 29 de outubro de 2022.

Fotografia 29 - Espaço de aprendizagem



Fonte: CARTA CAPITAL, 2013. Acesso em: 29 de outubro de 2022.

Fotografia 30 - Espaço de aprendizagem: tutoria



Fonte: CANAL FUTURA, 2018. Acesso em: 29 de outubro de 2022.

Isso partiu para a forma do projeto em que a cofundadora, Regina Steurer, ao projetar o Projeto Âncora inspirou-se no próprio desenho da cidade para criar o desenho da escola. Assim, como a maioria das cidades brasileiras tem em seu centro a presença de uma instituição religiosa como parte da paisagem e marco na memória coletiva e histórica daquela região, o Projeto Âncora remeteu essa ideia de consolidação em torno de um marco simbólico fazendo essa alusão a igreja, com a centralidade da escola contendo o Circo (CIDADE ÂNCORA, 2015).

O circo é a grande praça da Projeto Âncora, onde ocorre os encontros, as assembleias e apresentações, e onde as crianças através da atividade circense desenvolvem de forma lúdica a autoconfiança em si e nos colegas, além dos benefícios a saúde (CANAL FUTURA, 2016).

Imagem 9 - Mapa do Projeto Âncora



Fonte: PORTAL APRENDIZ, 2020. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

Imagem 10 - Programa de necessidades do Projeto Âncora

A CIDADE ÂNCORA se compromete com os 17 OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - ODS - que foram instituídos pela ONU para proteger o planeta e garantir que todas as pessoas tenham dignidade.




CORRE!
VEN PARTICIPAR DA CONSTRUÇÃO DESSA CIDADE. VEM BRINCAR, APRENDER, EMPREENDER, COZINHAR, DANÇAR, COMER, JOGAR, PLANTAR,
CONVIVER!

Mapa turístico CIDADE ÂNCORA

- 1. CIRCO** – praça central da cidade, escola de circo, lugar de festas, espetáculos, feiras
- 2. COZINHA ESCOLA** – restaurante, cantina, padaria, café
- 3. ARMAZÉM** – do produtor direto ao consumidor, lugar de conhecer quem produz sua comida
- 4. PISTA DE SKATE** – aulas, práticas e campeonatos
- 5. QUADRA POLIESPORTIVA** – escola de esportes, locação, campeonatos
- 6. ESTÚDIO DE ÁUDIO VISUAL** – escola de música, rádio, tv
- 7. ESTÚDIO DO CORPO E MENTE** – loja, dança, meditação, pilates, terapias
- 8. HOSPEDARIA** – para receber até 12 visitas, hóspedes, gente do mundo inteiro
- 9. BANCO** – banco popular de microcrédito
- 10. CURSINHO** – preparação de jovens e adultos para processos seletivos para universidades, escolas, empregos
- 11. ESCOLA DE ECOLOGIA** – escola prática de permacultura e educação ambiental
- 12. CENTRO CULTURAL** – a cidade inteira como ambiente de cultura brasileira
- 13. HORTA** – espaço de aprender plantando e colhendo
- 14. BOSQUE DO PAU BRASIL** – Walter Steurer, fundador do Âncora, plantou um Pau Brasil e teve all suas cinzas espalhadas, no verão de 2019 a árvore foi atingida por um raio e secou, em março de 2020 descobrimos dezenas de mudas nascendo da raiz da árvore mãe
- 15. CORETO** – lugar da recepção dos cidadãos da Cidade Âncora, lugar para um papo, um cafezinho e um pedaço de bolo à sombra
- 16. JARDINS DA INFÂNCIA** – da adolescência e da maturidade, bancos espalhados para bate papos, gramados para pic-nic, lugar de correr
- 17. BANHEIROS PÚBLICOS** – banheiros abertos e gratuitos a quem precisar
- 18. ESCRITÓRIOS COLETIVOS** – espaço para quem precisa de conforto, silêncio e boa rede de wi-fi para trabalhar e estudar remotamente
- 19. APOIO ESCOLAR** – lugar com biblioteca de 5 mil livros e educadores disponíveis para ajudar nos estudos e, sobretudo, ajudar a “aprender a aprender”
- 20. WI-FI GRATUITO** – para todos os cidadãos que ocupam o espaço da cidade
- 21. SALAS DE CURSOS** – profissionalizantes, formação de professores, escola de pais, escola de política
- 22. QUINTAL DO PEABIRU** – no ponto mais alto, um lugar com cozinha caipira, um espaço de convivência e oficinas culturais para os grupos do território ampliado. A Cidade Âncora está no centro da rota do Peabiru, esse caminho que ligou os Andes ao oceano Atlântico com cerca de três mil quilômetros e que foi utilizado pelos povos sul-americanos antes do descobrimento pelos europeus.
- 23. SALAS MULTIFUNÇÃOAIS** – espaços para microempreendimentos que surjam e precisam de apoio, como um atelier de costura, uma barbearia
- 24. LOJA** – espaço para venda de produtos produzidos na Cidade e na comunidade
- 25. ADMINISTRAÇÃO** – a Prefeitura da Cidade, onde estão as pessoas que recebem os cidadãos, organizam a dinâmica da cidade e acolhem as ideias dos seus cidadãos
- 26. ACELERADORA DE NEGÓCIOS SOCIAIS** – a CIDADE ÂNCORA receberá empreendedores que desejam criar seu próprio negócio, cujos objetivos visem causar impactos socioambientais positivos
- 27. SUSTENTABILIDADE E REGENERAÇÃO** – a Cidade Âncora conta com captação de água da chuva, produção própria de energia solar, não produz lixo, destina os reciclados para empreendedores da comunidade, alimenta uma composteira e fabrica bio gás
- 28. PONTO DE CULTURA**
- 29. CONTRA TURNO ESCOLAR**
- 30. GUARITA**

Fonte: PORTAL APRENDIZ, 2020. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

Diante do mapa da Projeto Âncora e de seu programa de necessidades, apresenta até uma certa dificuldade em separar as atividades descritas dentro de uma setorização, isso porque, a maior parte dos ambientes pedagógicos também podem ser abertos a vivências das pessoas, sendo elas da comunidade ou não. Isso se reflete no projeto de modo que, o entendimento dos espaços se configura em um só, todo espaço é de aprendizado.

Incluindo as áreas de serviço, como a cozinha e a preparação dos alimentos por exemplo, que também são mantidos pelos alunos, funcionários e pela comunidade, como não há uma hierarquização a manutenção da escola também é de responsabilidade de todos (CIDADE ÂNCORA, 2015).

O seu entorno é composto por uma comunidade de baixa renda, porém ainda se encontram lotes carregados por grandes chácaras e indústrias, principalmente na via onde foi implantada a escola, a Estrada Municipal Walter Steurer, que recebe o nome do fundador da escola. Ainda nesta mesma via, há algumas instituições de ensino, como a Escola de Marketing

Industrial e o Jardins de Monet. O gabarito em sua predominância é baixo, não passando de 4 pavimentos.

Imagem 11 - Entorno imediato e setorização



Fonte: Google Maps, modificado pela autora. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

Imagem 12 - Projeto Âncora



Fonte: Projeto Âncora. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

O zoneamento em que a escola está inserida é a Zona de Indústria, Comércio e Serviço (ZICS), segundo os dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Cotia, e é o que justifica certos usos na região. Além disso a região é bem servida de mobilidade, nota-se que é uma região abastecida pelo transporte público.

O seu entorno é cercado por muros altos e a escola não se configura de maneira diferente. Embora seus muros sejam revestidos por folhagens que remetem às grandes áreas verdes do entorno, ainda sim os muros se tornam uma barreira na paisagem, perdendo a ideia de continuidade com a sua comunidade. Apesar desse fator, o projeto não deixa de ser uma grande inspiração, tanto em seu sentido pedagógico como em seu sentido arquitetônico criando uma ideia de espelhamento do desenho de cidade que conversa com os valores proposto da escola.

2.3 Projeto de referência – The Riverside School

A escola Riverside, encontra-se em Ahmedabad na Índia, cidade reconhecida pela Unesco como Patrimônio Mundial pelo seu valor arquitetônico e histórico (KELER, 2018). Possui um valor simbólico por ser reconhecida como a terra de Mahatma Gandhi – sua terra natal – e se apresenta como um “lugar histórico e muito espiritual” já que a cidade está as margens do Rio Sabarmati, em que Gandhi iniciou o “caminho da verdade pela liberdade”. É nas margens do rio, em que está localizado a escola (CANAL FUTURA, 2016).

Segundo a Diretora e Fundadora da escola Riverside, Kiran Seth (*ibid*): “Na primeira conversa que tive com o meu arquiteto, ele perguntou o que eu queria. Disse que, quanto mais paredes ele derrubasse, melhor ficaria”, isso porque o conceito em que se esperava do espaço arquitetônico é “que a escola precisava ser transparente” e que a natureza se tornasse parte do projeto, de forma que, a diversidade da flora pudesse atrair a diversidade da fauna também.

Os espaços fluidos e abertos precisavam ainda, ser bem decorados para que o conceito de compaixão viesse a ser transmitido a comunidade escolar, o que a Diretora Kiran Seth irá descrever o efeito dos ambientes como:

Ela faz a mente se sentir menos agressiva. Acredito que isso seja uma coisa importante de darmos às crianças. Nossa geração cresceu em escolas que pareciam presídios. Tudo era fechado, eram prédios sem inspiração. Pensavam que as crianças ficariam distraídas, então não abriam as portas. Metaforicamente, nossas mentes

também fecharam, porque reduziam um mundo inteiro em uma pequena sala de aula (CANAL FUTURA, 2016).

Foi com esse sentimento que a Riverside adotou uma das suas principais ferramentas de aprendizagem, o lugar em que se aprende é indefinido e que é possível aprender em qualquer lugar, “a ideia é que aprendizagem não tem barreiras” e com isso os espaços abertos desempenham de grande funcionalidade nesse papel (*ibid*).

Fotografia 31 - Riverside School: acesso principal



Fonte: EDUDWAR, 2017. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

Fotografia 32 - Riverside School: parquinho



Fonte: ATLAS OF THE FUTURE, 2021. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

Fotografia 33 - Acesso a parte interna da escola



Fonte: site RIVERSIDE SCHOOL. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

Fotografia 34 - Caminhos com jardim



Fonte: site RIVERSIDE SCHOOL. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

A escola conta com cerca de quatrocentos alunos e um corpo docente de sessenta e cinco professores e atendem do ensino infantil ao ensino médio, seguindo um média de vinte e

sete alunos por turma e com dois professores em cada sala (CANAL FUTURA, 2016; GOLDAPPLE, 2020).

Na primeira etapa de aprendizagem – denominado de Consciente – equivale ao ensino infantil, é nesta fase do aprendizado em que a curiosidade das crianças serve de guia para a conscientização do mundo que a cercam e é esse estímulo que servirá de ferramenta para o seu desenvolvimento. Na segunda etapa – denominado de Capacitação – equivale ao ensino fundamental, nesta etapa elas são estimuladas a se tornar independentes. E na terceira etapa – denominada de Autonomia – equivale ao ensino médio, aqui o ensino da criança é interdependente e independente (CANAL FUTURA, 2016; RIVERSIDE SCHOOL).

Uma das marcas nesse modelo de ensino é que as crianças, são incentivadas a pensar na mudança como uma realidade do hoje, de forma lúdica elas constroem a analogia de que podem se tornar super-heróis e que para se tornar essa figura elas carregam esse poder internamente e tudo o que precisam está nas atitudes, em seu comportamento a fim de desenvolver as crianças em suas potencialidades e estimular a elas a ser quem são (CANAL FUTURA, 2016).

Quando as crianças chegam a terceira série elas são encaminhadas a ingressarem no programa escolar chamado Cidadania e que os acompanha até a sétima série, com o objetivo de desenvolver os valores e atitudes do aluno. O programa promove que cada série trabalhe com uma causa social durante um ano, através de ONGs, estimulando o sentimento de transformação, que são capazes de mudar o hoje. Na terceira etapa de aprendizagem, o programa Cidadania passa a ser denominado de Persistência, e a criança pode escolher a causa e permanece nela durante cinco anos e desperta o sentimento de esperança e solidariedade (*ibid*).

Fotografia 35 - Atividades escolares



Fonte: site RIVERSIDE SCHOOL. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

Fotografia 36 - Sala de aula



Fonte: EDUCATION WORD, 2001. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

Fotografia 37 - Sala de aula: informática



Fonte: EDUCATION WORD, 2001. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

O método de ensino da Riverside School é estruturado em sentir, imaginar, fazer e compartilhar e eles são inspirações para que os alunos apliquem em suas vidas e levem para além do âmbito educacional. O sentir está relacionado a capacidade de empatia da criança, o imaginar na busca pelo melhor cenário para aquela criança, e o fazer para determinar os passos que precisam ser feitos para atingir o objetivo e o compartilhar para que lembre de ser generosa e que as outras pessoas possam se beneficiar dos atos e ideias construídas (CANAL FUTURA, 2016; RIVERSIDE SCHOOL).

A avaliação dos alunos corresponde de forma auto avaliativa, avaliação pelos colegas de forma que contribua na construção de um indivíduo que saiba ouvir críticas e lidar com elas, além de saber reconhecer o seu potencial e onde se pode melhorar, e também é aprender a expor seu posicionamento de forma respeitosa, empática e afetuosa (CANAL FUTURA, 2016).

Com isso os alunos também são avaliados através de seu desenvolvimento mensal e assim é formado um relatório sobre seu desempenho acadêmico, a fim de que a criança entenda que seu ritmo de aprendizado é único e não se compare a outras crianças. Eles ainda desenvolvem uma prova no final de cada mês, mas a prova não é o principal agente de avaliação do aluno, 70% da nota é dado pela auto avaliação do aluno (*ibid*).

O documentário realizado pelo Canal Futura descreve que no início do dia, os alunos se reúnem em assembleias, podendo ser correspondente a série daquela criança ou com alunos de diferentes séries e nelas será decidido “o tom do dia”, ou seja, os objetivos daquele dia. É por esses encontros que os alunos podem trabalhar suas relações entre si e entre professores, onde podem contribuir ou receber valor ao aprendizado dos colegas. A escola é composta por valores que são relevância, vigor e relacionamento. A ideia é que os alunos internalizem os valores de modo que: relevância é pelo que se faz, o vigor é o esforço do que se faz e o relacionamento é com quem se faz.

O aluno também é estimulado em suas paixões, dessa forma, o aprendizado entra como parte integrante das vontades e interesses daquele indivíduo, para que assim eles possam ser motivos e mantenham os valores pautados pela escola. As famílias também estão presentes nos processos educacionais e assim como os alunos, fazem parte das decisões da escola (*ibid*).

Embora a Riverside School seja uma escola particular ela atende cerca de 25% da população sem custos, isso partiu de uma iniciativa do governo em que as escolas particulares pudessem abrir vagas e fazer com que as crianças de baixa renda também pudessem ter acesso à educação, conforme relatado no documentário do Canal Futura. Além de ser uma forma de inclusão, é por essas ações que demonstram e ensinam que os valores estabelecidos pela escola não são apenas teóricos, mas são colocados em práticas pelas ações da própria instituição.

3. UM OLHAR VOLTADO PARA A ZONA LESTE DE SÃO PAULO

O Jardim Lourdes, local de intervenção deste trabalho, está localizado no distrito de Guaianases, na Zona Leste do município de São Paulo. Pouco são os dados históricos de sua formação tanto quanto da formação do seu distrito, conforme menciona Jesus (2019): “Guaianases é um distrito de São Paulo localizado no extremo leste, as bibliografias que discutem a formação do distrito são poucas e não elucidam sobre sua formação urbana e territorial”.

Segundo a Prefeitura de São Paulo (2021), o distrito se originou pela habitação de povos indígenas, os Guaianás, que foram catequizados pelos jesuítas, na época organizados pelo Padre Manoel da Nóbrega e Padre Anchieta. Em meados do século XVIII, houve as primeiras transformações no desenho urbano do Distrito de Guaianases, isso porque o território

abrangia o caminho para a Estrada do Imperador, importante rota da época que tinha como destino Minas Gerais, e com isso atraía os tropeiros que usavam o distrito como parada para descansar de suas longas viagens (SOUND CLOUD, 2021; JESUS, 2019).

Com a construção da pequena igreja devota de Santa Cruz do Lajeado Velho, a chegada das olarias e a ferrovia, consolidando e tornando mais populoso o distrito (SOUND CLOUD, 2021). A ferrovia que conectava São Paulo – Rio de Janeiro, inaugurada em 1875 e continha quatro paradas entre o ponto de partida do trem e o destino final, sendo elas em Penha de França, Mogi das Cruzes, Itaquera e Lajeado (JESUS, 2019).

Assim, irão se consolidar dois povoamentos na região, denominado de Lajeado Velho o povoamento que deu início a consolidação do bairro e Lajeado Novo o povoamento que surgiu a partir da estação ferroviária (*ibid*). A estrada de ferro, também atraiu imigrantes italianos e espanhóis, em busca da extração de pedra de Lajeado e São Matheus, o que fortaleceu o crescimento no distrito e a sua expansão urbana, intensificando ocupações em áreas de mananciais, colocando os próprios moradores em riscos de enchentes e caracterizando risco ambientais (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2008).

Somente em 1948 que o distrito recebe o nome de Guaianases em homenagens aos índios Guaianás. Hoje, o distrito é considerado “um bairro dormitório” pelo movimento pendular que a população necessita para sua subsistência (*ibid*). Diante desse fato, se entende que ocorre um fenômeno de segregação no território urbano da cidade, é preciso olharmos mais a fundo para as necessidades desta população, buscando se compreender como a inclusão pode garantir o cumprimento dos direitos fundamentais de cidadania.

3.1 O cenário analítico do Distrito de Guaianazes

A fim de se compreender a população que ali habita e as necessidades que elas carecem, é necessário analisar alguns dados que carregam as seguintes informações sobre a população do Distrito de Guaianases:

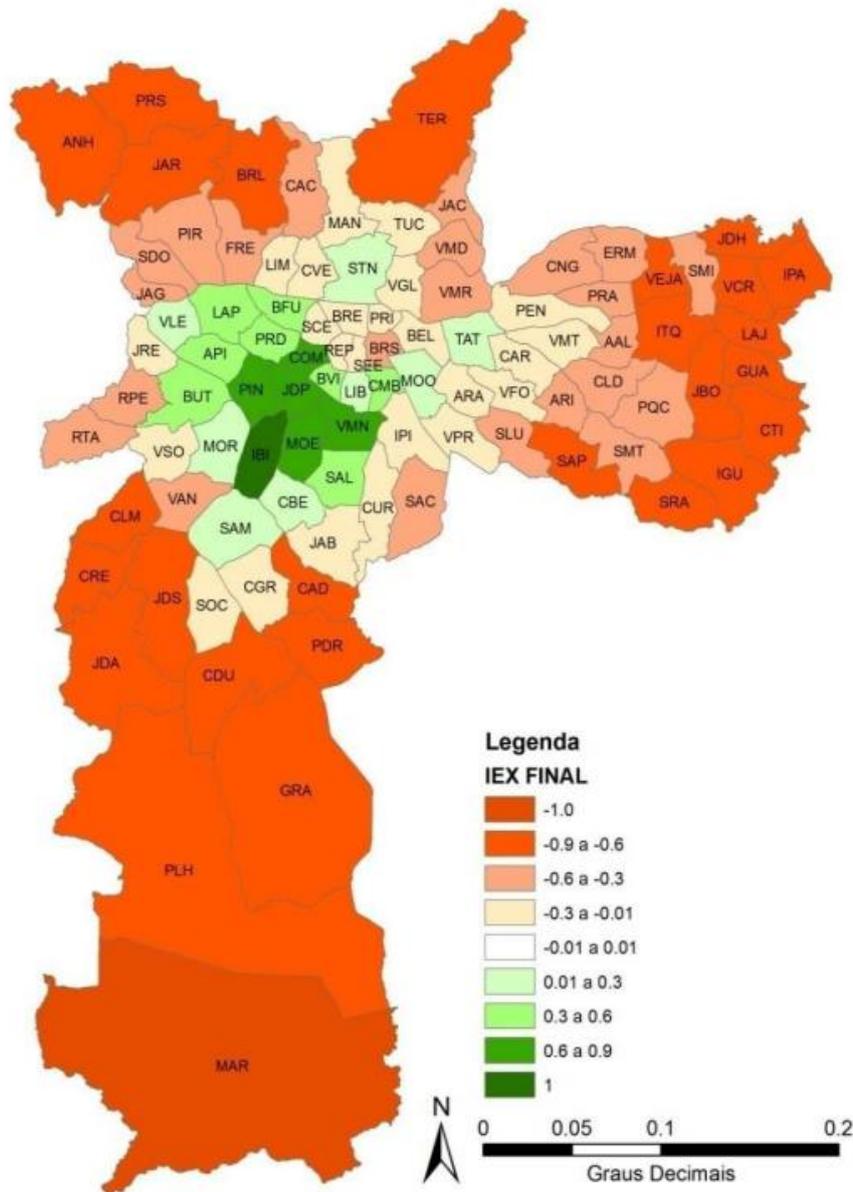
O Distrito de Guaianases compõe o território da subprefeitura de Guaianases, está localizado no extremo leste da cidade de São Paulo, com população de 103.996, pelo Censo IBGE 2010, e estimada em 104.469 habitantes em 2020 (SAEDE, 2021), com densidade demográfica de 11.974, em área de 8,95 km². Integra os 54% dos distritos do município considerados de grande porte (entre 100 mil e 300 mil habitantes). Na

dimensão precarização do território, integra o grupo de maior incidência, concentrado expressivos percentuais de ocorrências, como enchentes e desabamentos (FAVERÓ, 2022, p. 38, *apud* IBGE, 2010; SAEDE, 2021).

É indubitável que o Distrito compõe de grande densidade demográfica e por ocuparem um território vulnerável ambientalmente, a população requer um olhar mais cuidadoso sobre as questões de infraestrutura urbana e ambiental. Outro fator que engloba a condição de vida da população de Guaianases, como mencionado anteriormente, é a situação de “bairro dormitório”, assim definido pela própria Prefeitura da cidade (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2008).

Essa condição é gerada pela concentração de maiores recursos existentes nas regiões de centralidades e com isso o deslocamento da população mais periférica em busca desses acessos, implica, sem dúvida alguma, em uma segregação socioespacial, conforme demonstra o Mapa de Exclusão/ Inclusão Social (MEIS), que classifica -1,0 a 1,0 as “desigualdades econômicas e sociais entre os territórios de uma cidade”. Sendo, -1,0 o maior índice de exclusão e 1,0 o maior índice de inclusão (SPOSATI, 2013):

Imagem 13 - Mapa de Exclusão/ Inclusão Social da cidade de São Paulo 2010 (MEIS)



Fonte: SPOSATI, COELHO, RAMOS, *et al*, 2013. Acesso em 12 de outubro de 2022.

Com isso, pode-se observar que o Distrito de Guaianases e Lajeado que compõe a mesma administração segundo o Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016), são distritos que carregam o índice de -0,9 a -0,6, comprovando assim, o nível de exclusão desses territórios e constatando a condição de segregação socioespacial, já que os territórios de maiores centralidades são os mesmos de maiores índices de inclusão.

Neste contexto, o Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras (*ibid*) irá apontar também os fatores de melhorias na porção do território, como descreve, as diretrizes referentes a Macrorregião Leste 2, representados na Tabela 2 e que elucida as necessidades em termos de melhorias urbanas dessa população:

Tabela 2 - Diretrizes da Macrorregião Leste 2

| Diretrizes |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Requalificar o tecido urbano da região, adequando a urbanização às condições geomorfológicas e à escala do pedestre, atentando para as dimensões de quadras e frentes de lotes, e provisão de passeios públicos e ciclovias; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Solucionar questões habitacionais e urbanísticas em consonância com o Plano Municipal de Habitação; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Ampliar e qualificar a malha viária existente, com vistas, também, à melhoria de calçadas, arborização e mobiliário urbano; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Investir em infraestrutura de transporte público coletivo de média-alta capacidade visando ao desenvolvimento econômico local e qualificação do território; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Investir em equipamentos e serviços públicos tais como educação, em especial creches, equipamentos de saúde, assistência social, esporte, lazer, promovendo melhores índices de desenvolvimento humano para a região; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Implantar instrumentos de estímulos urbanísticos e incentivos creditícios e tributários visando a atração de atividades secundárias e terciárias e maior dinamismo econômico; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Qualificar as centralidades, dinamizando e melhorando a acessibilidade e mobilidade urbana, visando o desenvolvimento do comércio e a implantação de novas atividades; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Regularizar comércios e serviços, fomentando o desenvolvimento econômico local; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Criar programas e projetos comunitários para oferecer alternativas sustentáveis de geração de trabalho e renda à população, tais como: formação de jovens viveiristas, cooperativas de catadores de resíduos sólidos, cooperativas de produção na área de alimentação, cooperativas de trabalhadores para a construção civil; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Conter o processo de ocupação da franja periférica do extremo leste por meio de estímulo às atividades agroindustriais, florestais e ecoturísticas; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Regularizar fundiária e urbanisticamente o território, promovendo o desenvolvimento urbano e econômico de forma regular; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Implementar projetos e ações do Plano Municipal de Saneamento Ambiental Integrado, conforme diretrizes estabelecidas no PDE, de forma participativa e com gestão compartilhada com a SABESP-Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Implantar medidas estruturais e não estruturais de drenagem, com vistas à redução de inundação, de alagamentos, de assoreamento dos córregos, bem como da recuperação ambiental dos cursos d'água; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Conservar e recuperar vegetação nativa e biodiversidade da mata atlântica, segundo diretrizes constantes do Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica - PMMA estabelecido no PDE; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Promover gestão integrada entre Governo do Estado e do Município para a compatibilização do uso e ocupação do solo e das atividades permitidas nas áreas da APA da Várzea do Tietê, inseridas no Município de São Paulo, de forma a dirimir os conflitos existentes entre os zoneamentos e de minimizar a impermeabilização do solo, contribuindo no controle de eventos de cheia da região; |

- Criar mecanismos para a fiscalização, monitoramento e conservação das áreas da APA da Várzea do Tietê, Carmo e Iguatemi, de forma conjunta entre Estado e Município.

Fonte: CADERNO DE PROPOSTAS DOS PLANOS REGIONAIS DAS SUBPREFEITURAS, 2016. Acesso em 12 de outubro de 2022.

De acordo com os dados apresentados pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (2017, *apud* FERREIRA *et al.*, 2022), o Distrito de Guaianases apresenta no setor da Educação um número correspondente de dezessete (17) escolas estaduais, uma (1) escola estadual ETEC, dezesseis (16) escolas municipais e setenta e seis (76) escolas particulares. De acordo com os dados, ainda, podemos ter as relações de matrículas conforme demonstra a Tabela 3:

Tabela 3 - Relação de matrículas no Distrito de Guaianases por níveis de ensino - Censo 2017

| Níveis de Ensino | | Escolas Estaduais | Escolas Municipais | Escolas Particulares |
|----------------------------|-----------------------|-------------------|--------------------|----------------------|
| Ensino Infantil | Creche | 0 | 578 | 8.030 |
| | Pré-escola | 0 | 2.769 | 169 |
| Ensino Fundamental | Anos Iniciais | 4.354 | 1.873 | 1.492 |
| | Anos Finais | 3.164 | 1.327 | 877 |
| | EJA I | 0 | 407 | 0 |
| | EJA II | 0 | 646 | 0 |
| Ensino Médio | 1º ao 3º ano | 4.524 | 0 | 473 |
| | Educação Profissional | 0 | 0 | 446 |
| | EJA | 695 | 0 | 0 |
| Total de Matrículas | | 12.737 | 7.600 | 11.487 |

Fonte: CRIANÇAS, ADOLESCENTES, JOVENS E DIREITOS FUNDAMENTAIS: caminhos e aproximações aos dados da realidade social em distritos de exclusão da cidade de São Paulo, 2022, p. 163 a 170. Modificado pela autora. Acesso em 12 de outubro de 2022.

A tabela nos mostra que no âmbito de educação infantil a um maior número de matrículas em creches particulares em relação a rede pública e permite compreender que há uma escassez de escolas públicas dentro desse nível de ensino. Já na pré-escola se nota que o número de matrículas na rede pública é maior que a particular.

As escolas que atendem os níveis escolares equivalente ao Ensino Fundamental e Médio, se demonstram em maior quantidade de matrículas em rede pública, incluindo as matrículas no EJA (Educação de Jovens e Adultos). Ao se comparar, as matrículas do EJA, se

apresentam nulas em escolas particular, constatando que para estas escolas, há uma restrição de atendimento a determinados públicos que buscam pela educação.

Entretanto, segundo a Prefeitura de São Paulo que disponibilizou dados sobre o analfabetismo nos territórios da cidade presentes no relatório “População Total e Analfabeta de 15 e Mais e Taxa de Analfabetismo Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais 2000 e 2010”, demonstra que Guaianases possuía em 2000, uma população equivalente a 173.886 habitantes, sendo 12.998 em situação de analfabetismo, correspondendo a 7,5% dos habitantes. Já em 2010 a população correspondia a 198.971 habitantes, sendo 10.008 em condições de analfabetismo, correspondendo a 5,0% dos habitantes.

E conforme os dados da Fundação SAEDE, o estado de São Paulo ainda constava no ano de 2015 o equivalente a 3,53 % da população de 15 anos e mais em situação de analfabetismo, o que nos informa que o acesso a educação ainda é um problema existente dentro da sociedade e que demonstra que ainda há falhas nas políticas públicas em assegurar o direito à educação para todos.

3.2 Área de implantação do projeto: O Jardim Lourdes

A área de implantação fica localizada no Jardim Lourdes, bairro que pertence ao distrito de Lajeado e que faz parte da administração pública do distrito de Guaianases. O bairro ainda faz divisa com a cidade Ferraz de Vasconcelos como demonstra o mapa disponibilizado pela Prefeitura de São Paulo.



Fonte: CADERNOS DE PROPOSTAS DOS PLANOS REGIONAIS DAS SUBPREFEITURAS, 2016. Acesso em 12 de outubro de 2022.

Segundo o Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras (2016, p. 24), a Prefeitura de São Paulo aponta diretrizes para a melhoria do bairro e permite-se compreender que o bairro carece de regularização fundiária, requalificação de mobilidade, diversidade de usos, espaços livres e acessos a equipamentos culturais, de lazer e de saúde e provém ainda de questões ambientais primordiais a serem tratadas, como as ocupações em áreas de mananciais e preservação do Ribeirão Lajeado e sua nascente.

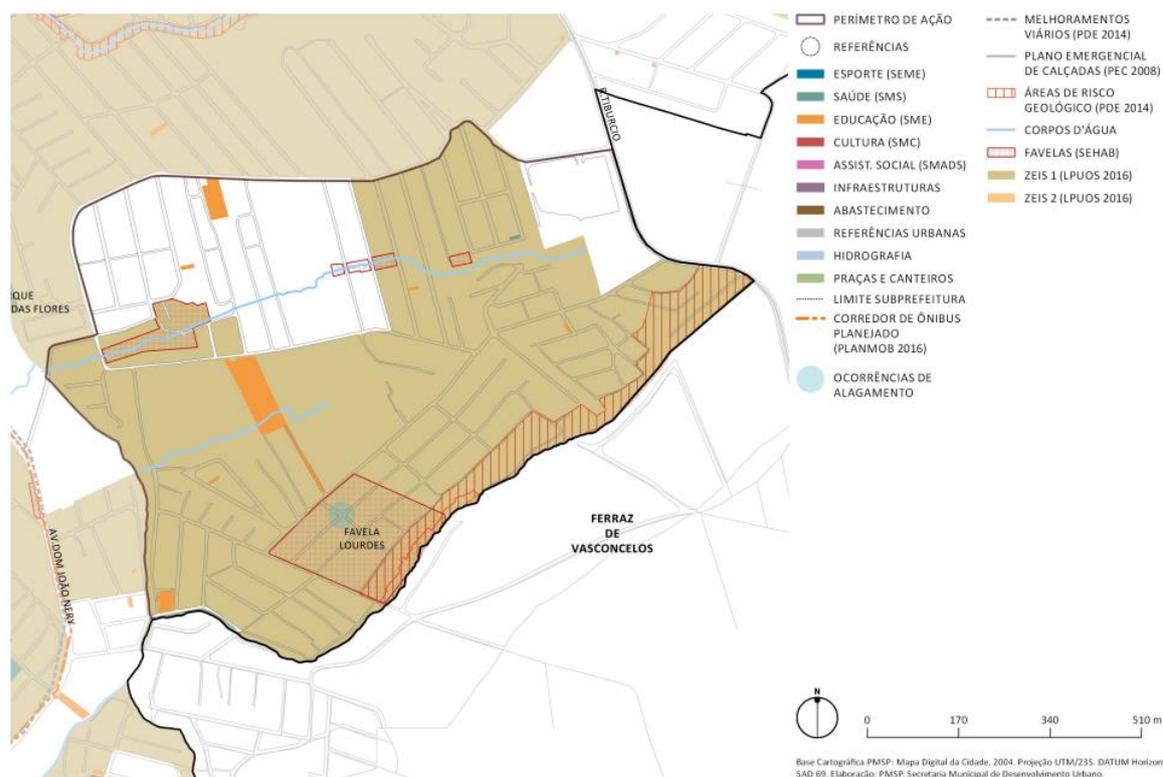
Tabela 4 - Objetivos e Diretrizes do Jardim Lourdes

| Objetivos |
|--|
| • Atender a demanda por equipamentos e serviços públicos sociais de saúde, de educação, de assistência social e de lazer e esportes; |
| • Promover ações indutoras do desenvolvimento econômico local pelo estímulo ao comércio e serviços locais; |
| • Promover a recuperação e conservação ambiental dos cursos d'água; |
| • Solucionar os problemas de saneamento ambiental, em especial esgotamento sanitário e manejo de águas pluviais (drenagem); |
| • Melhorar a acessibilidade e mobilidade local e regional; |
| • Promover o atendimento habitacional e a regularização fundiária. |
| Diretrizes |

- Melhoria de calçadas, travessias - inclusive travessias entre margens de córregos -, iluminação, pavimentação e arborização de vias, tendo em vista a acessibilidade universal e segurança do espaço público;
- Aberturas e alargamentos viários;
- Implantação de mobiliário urbano adaptado/adequado em vias prioritárias para o transporte público cuja dimensão das calçadas é insuficiente para implantação de mobiliário convencional;
- Qualificação de espaços públicos de lazer existentes;
- Solução habitacional para as famílias em área de risco e tratamento adequado dessas áreas;
- Urbanização e regularização: Implantação de infraestrutura de esgotamento sanitário, abastecimento de água, coleta e disposição adequada de resíduos sólidos, drenagem de águas pluviais;
- Saneamento e tratamento paisagístico das margens dos córregos, especialmente do Ribeirão Lajeado;
- Regularização e incentivos ao comércio e serviços locais.

Fonte: CADERNOS DE PROPOSTAS DOS PLANOS REGIONAIS DAS SUBPREFEITURAS, 2016. Acesso em 12 de outubro de 2022.

Imagem 15 – Mapa do Perímetro de ação: Jardim Lourdes

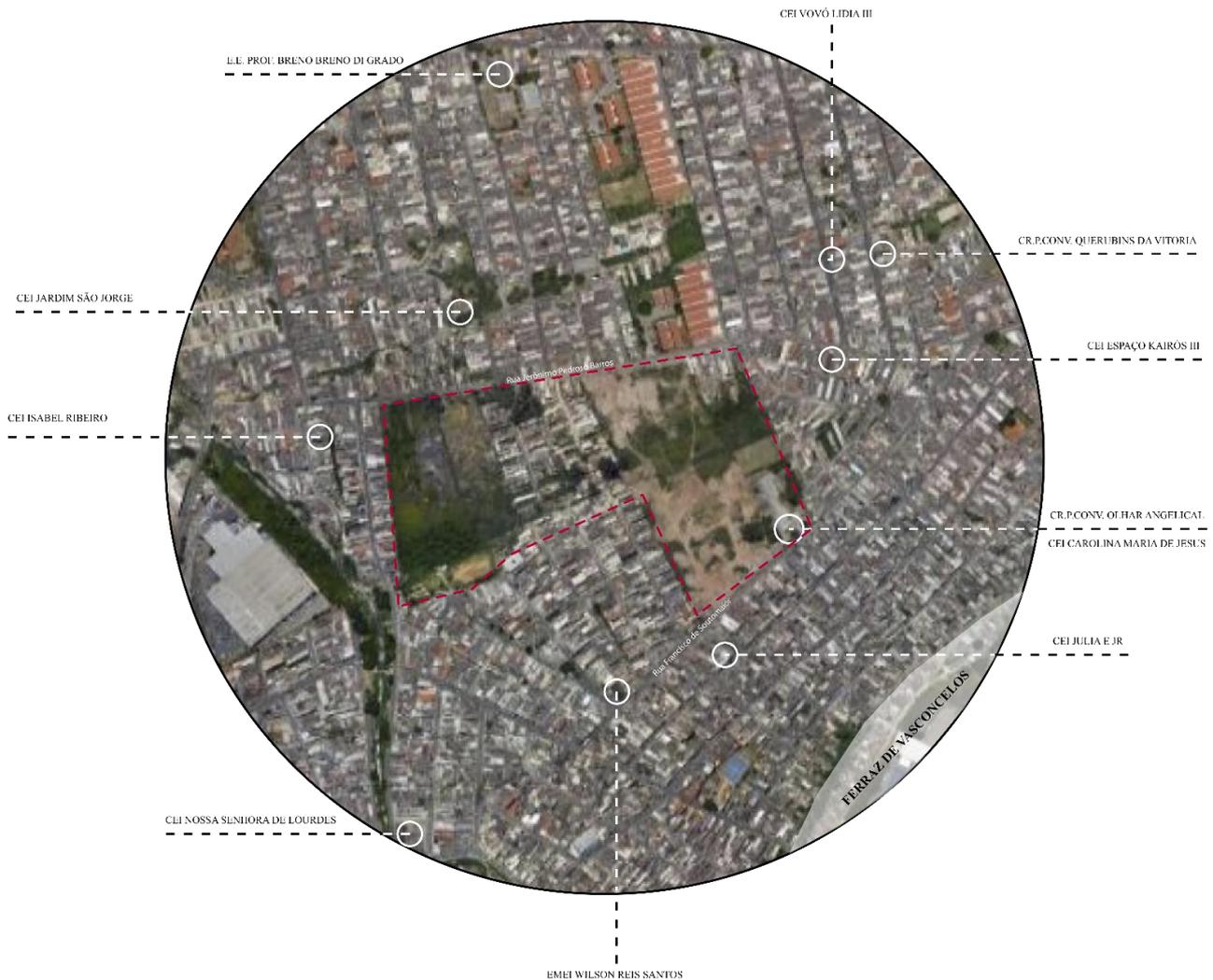


Fonte: CADERNOS DE PROPOSTAS DOS PLANOS REGIONAIS DAS SUBPREFEITURAS, 2016. Acesso em 12 de outubro de 2022.

Á área de intervenção está localizada na quadra entre as ruas Jerônimo Pedroso Barros e Francisco de Soutomaior, com um terreno que possui aproximadamente 81.513 m² ocupados por moradias irregulares e a nascente do Ribeirão Lajeado.

Em relação as instituições de ensino inseridas no bairro, em sua predominância estão voltadas a creches e centros de educação infantil, ressaltando a necessidade de escolas públicas voltadas aos níveis de ensino fundamental e médio. O recorte a seguir demonstra um raio de 500 metros a partir da área de intervenção e ressalta as escolas existentes do entorno.

Imagem 16 - Escolas do entorno



SIGLAS:

CEI - CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

CR.P.CONV. - CRECHE PARTICULAR CONVENIADA (administrada por organização social via repasse de verbas pela Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo)

E.E. - ESCOLA ESTADUAL

EMEI - ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

— — — — —
ÁREA DE INTERVENÇÃO DO TERRENO



Fonte: Google Maps, modificado pela autora. Acesso em: 25 de novembro de 2022.

Conforme demonstrado pelo Caderno de Planos Regionais da Prefeitura de São Paulo em 2016 observa ao se comparar com a situação atual do bairro, que pouco foi o seu desenvolvimento previsto através dos objetivos e diretrizes da Prefeitura de São Paulo, e que muitas problemáticas do bairro ainda não foram devidamente atendidas.

O zoneamento presente no entorno imediato, sugere as zonas em ZEIS I (Zona de Interesse Social I), ZM (Zona Mista) e ZEUP (Zona Eixo de Estruturação e Transformação Urbana Previsto) e que vai de encontro com as necessidades do cenário presente da comunidade, como a construção de habitações de interesse social para as famílias que moram

em área de risco, a diversidade dos usos e a possibilidade de verticalização que é pouco explorada na região.

Imagem 17 - Gabarito de altura e Zoneamento



Fonte: Google Maps, modificado pela autora. Acesso em: 25 de novembro de 2022.

A pouca diversidade de usos presente no bairro, reforça o conceito de bairro dormitório em que a população se desloca pela cidade em busca de acessos a outros tipos de usos. Em relação aos usos mistos, em sua predominância estão os comércios e serviços de pequeno porte e compartilhados no térreo das casas, o que denota a possibilidade de os próprios moradores estarem criando espaços de trabalhos em suas próprias residências.

Outrossim, é a mobilidade local não possuir acesso a outras alternativas de deslocamento, sendo a região abastecida apenas por ônibus ou veículos particulares, o que implica significativamente na condição de vida dos moradores, uma vez que o bairro não possui

centralidades e faz o movimento pendular ter um tempo ainda maior para aqueles que dependem do transporte público.

Imagem 18 - Uso e Ocupação do Solo e Mobilidade



Fonte: Google Maps, modificado pela autora. Acesso em: 25 de novembro de 2022.

4. PROJETO

Este capítulo apresenta a proposta projetual e conceitual para a área de intervenção no Jardim Lourdes, levando em conta os pontos que a população do bairro carece, respeitando sua preexistência e seus recursos hídricos e ambientais. A Escola Parque adotada na implantação deste projeto será uma escola pública com capacidade para receber 500 alunos, servindo o que

corresponde ao ensino fundamental I e II e ensino médio, estabelecidos na metodologia pedagógica Fazer a Ponte em núcleos de aprendizagem.

4.1 Diretrizes do Projeto

Para estabelecer as diretrizes projetuais, considerou-se as premissas conceituais para que o desenvolvimento do projeto se permitisse fluir, sendo eles:

Diretrizes Conceituais:

- 1- Respeitar o contexto histórico do bairro;
- 2- Compreender que o território está em transformação, assim como a própria cidade, dessa forma o programa de necessidades deve estar aberto a modificações;
- 3- Estimular seu desenvolvimento social, econômico e ambiental;
- 4- O edifício não deve terminar em si mesmo;
- 5- Estimulo as áreas verdes e espaços livres;
- 6- Ideia de pertencimento, deixar as pessoas se identificarem e criar uma identidade no local, agregando as suas características já existentes;
- 7- Estabelecer o conceito de habitar (conceito defendido pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello), onde entende-se que habitação não está relacionado apenas por moradia, mas se estabelece seus direitos de acesso ao trabalho, ao lazer, a cultura, a saúde, ao transporte e a educação (SOUSA, 2005).

Diretrizes Projetuais:

- 1- O acesso principal da escola será pela Rua Francisco de Soutomaior, pelo acesso ao transporte público e pela conexão com a escola de ensino infantil existente;
- 2- Respeitar a metodologia pedagógica aplicada, dessa forma, a criação de salas de aulas deve ser integrada como um dos locais de estudos e não apenas como o único. Assim, os ambientes projetados devem ser amplos e fluídos para que os alunos possam se apropriar desses ambientes para seu próprio aprendizado;
- 3- Usar o desenho da própria topografia a favor do projeto, com a criação de usos, caminhos, acessos, rampas e escadas a partir do desenho da mesma;
- 4- O circo desenvolverá além das atividades circenses, espaço ao grêmio, terá seu uso como auditório e espaço para a reuniões dos moradores e atividades festivas. Sendo assim, com sua forma lúdica, os caminhos em frente ao circo serão acompanhados por uma cobertura envolta de tecido, madeira e policarbonato, recepcionando as pessoas com a “magia do circo”;

Imagem 19 - Croqui do Circo



Fonte: Autoral, 2022.

Imagem 20 - Referência de Projeto: uso de tecidos



Fonte: KUDLESS, Andrew, 2022.

- 5- A biblioteca será acompanhada por um pavilhão e estímulos apropriação de exposições artísticas, culturais e espaços para vivência, e aproveitará a declividade do terreno para criar estes ambientes;

Imagem 21 - Referência de Projeto: Universidade de Tianjin Luneng Taishan

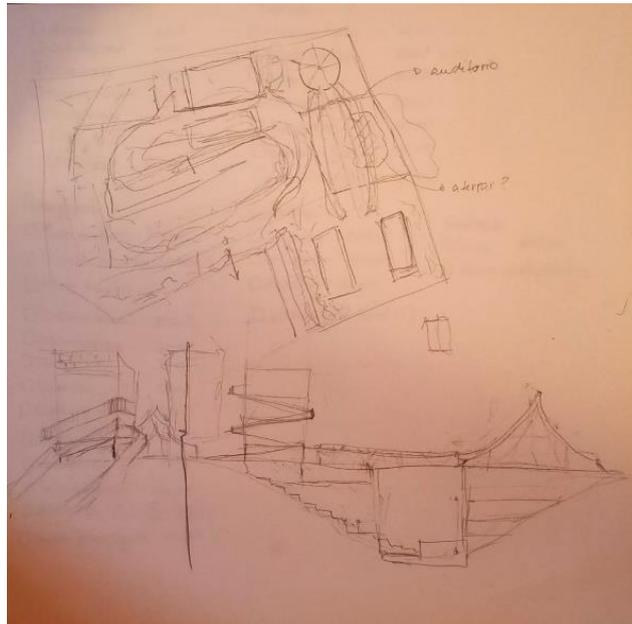


Fonte: ARCHIDALY BRASIL, acesso em: 03 de dezembro de 2022.

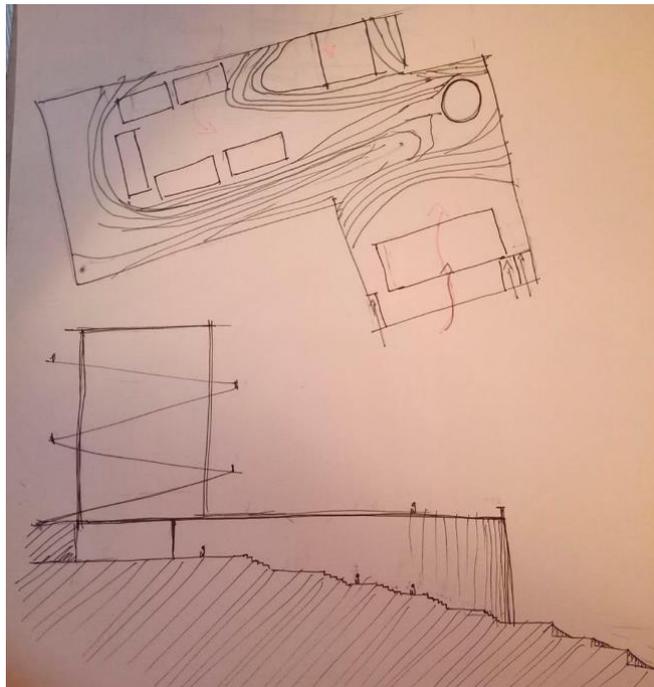
- 6- Os ambientes esportivos serão implantados com acesso principal a Rua Jerônimo Barros, promovendo a diversidade de uso e garantindo o direito da população ao lazer e ao esporte;
- 7- As habitações irregulares serão realocadas ao conjunto de unidades habitacionais de interesse social, para preservação da nascente do Ribeirão Lajeado e provendo assim, o direito a habitação a população de área de risco;
- 8- O parque integrará os usos e nele será promovido a educação ambiental e preservação de seu recurso hídricos;
- 9- A materialidade aplicada deve estar associada a materiais com menor impacto ao meio ambiente em sua produção, como o uso de madeira e tijolos ecológicos;
- 10- Acessibilidade universal, garantir o acesso de pessoas com necessidades especiais, através de rampas e ambientes adaptados.

4.2 Masterplan Jardim Lourdes

O programa de necessidades levou em conta suas problemáticas, assim como o zoneamento da região. Dessa forma, o projeto da escola abrangeu-se para ser desenvolvido a escola integrada a um *masterplan*, incluindo em seu território habitações de interesse social para realocar a população de área de risco existente no terreno e o parque para a conservação e preservação de seus recursos hídricos e ambientais. Além disso uma de suas diretrizes principais foi trazer a comunidade para o projeto, logo a área esportiva, o parque, o circo, o pavilhão e a biblioteca serão ambientes abertos a população do entorno.

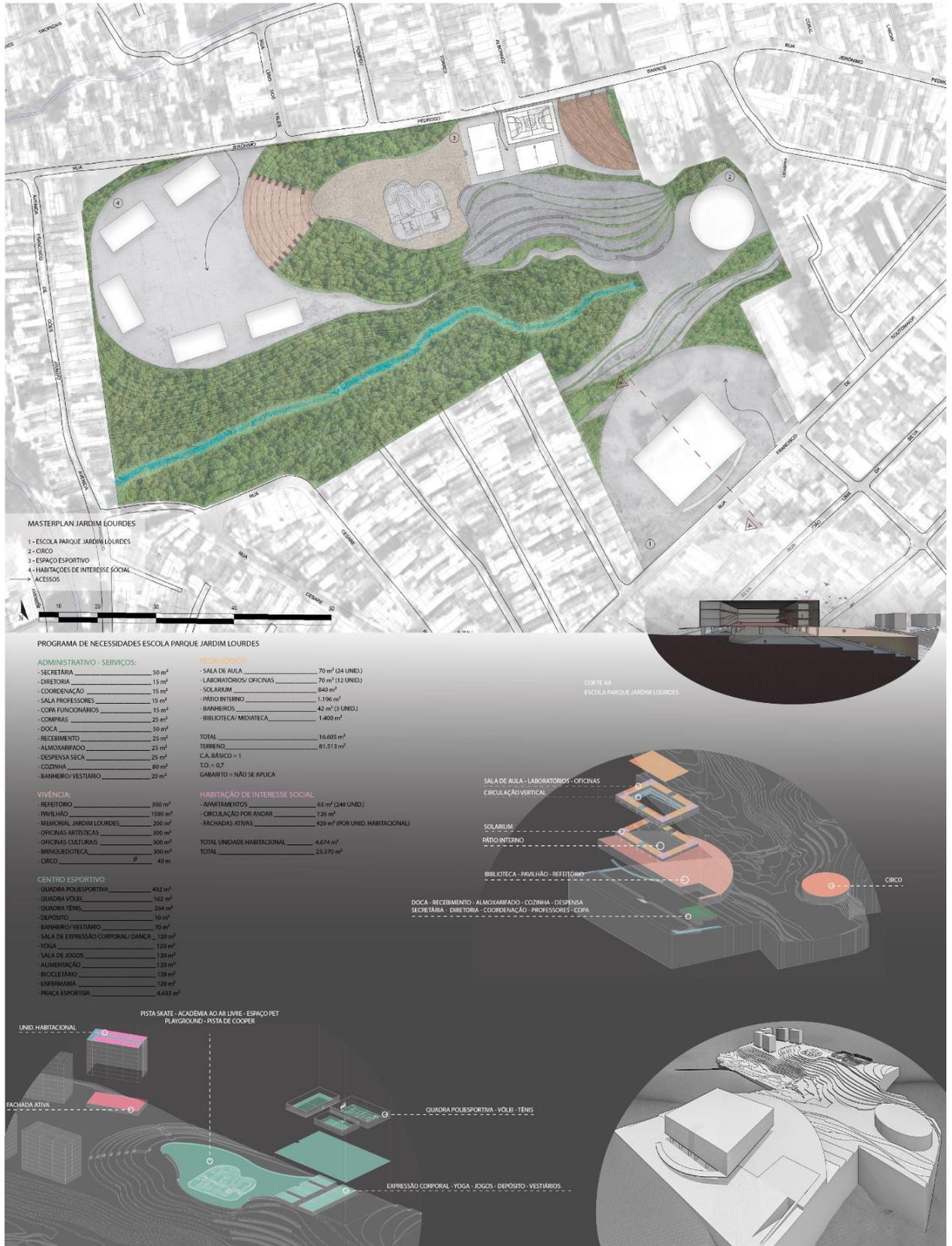
Imagem 22 - Estudos iniciais

Fonte: Autorial, 2022.

Imagem 23 - Concepção do projeto

Fonte: Autorial, 2022.

Imagem 24 - *Masterplan Jardim Lourdes*: estudo inicial



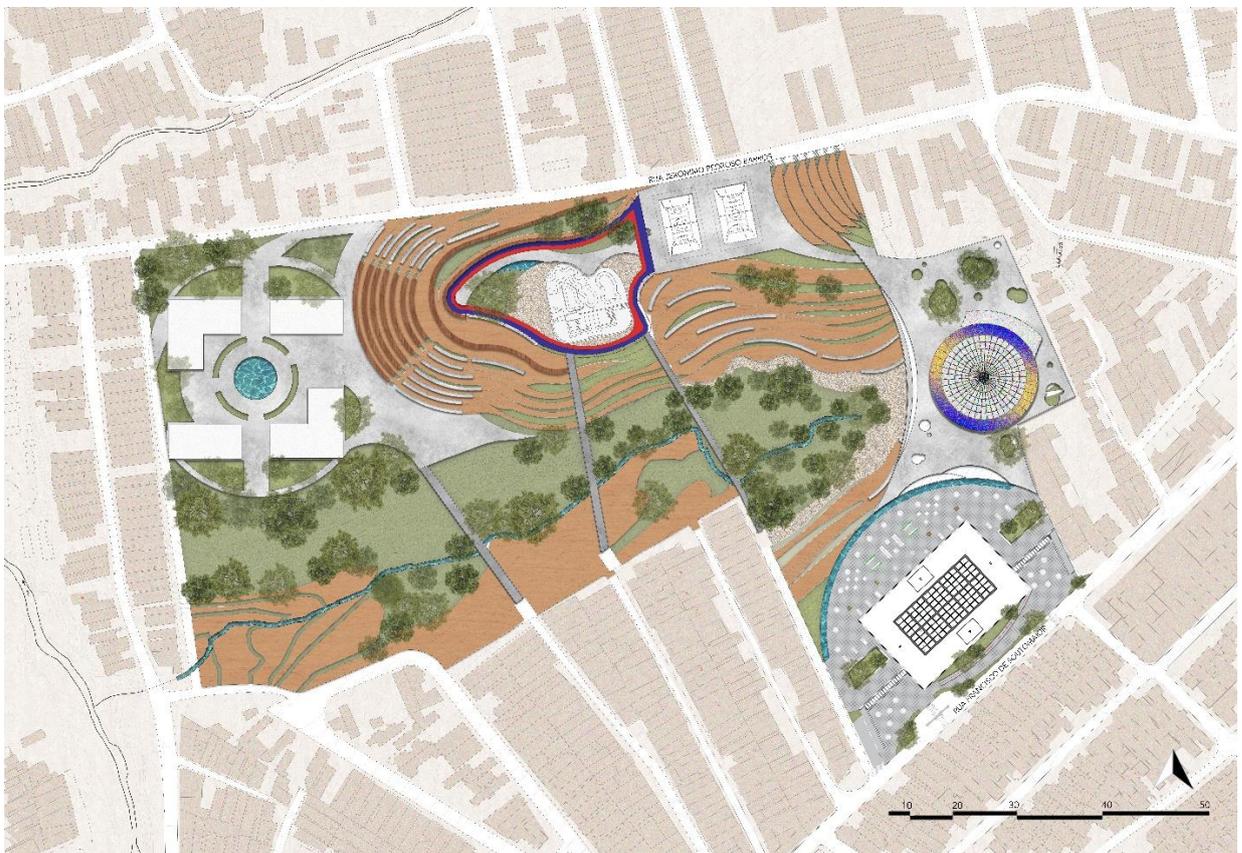
Fonte: Autoral, 2022.

O terreno acabou se demonstrando como uma barreira no projeto, o que implicou em mudanças da proposta inicial desse estudo. Logo, surgiu a necessidade de conexão entre as ruas

existente e até mesmo a criação de novos caminhos a fim de quebrar essa barreira territorial, e assim uma nova proposta de caminhos com passarelas foi incluída ao projeto.

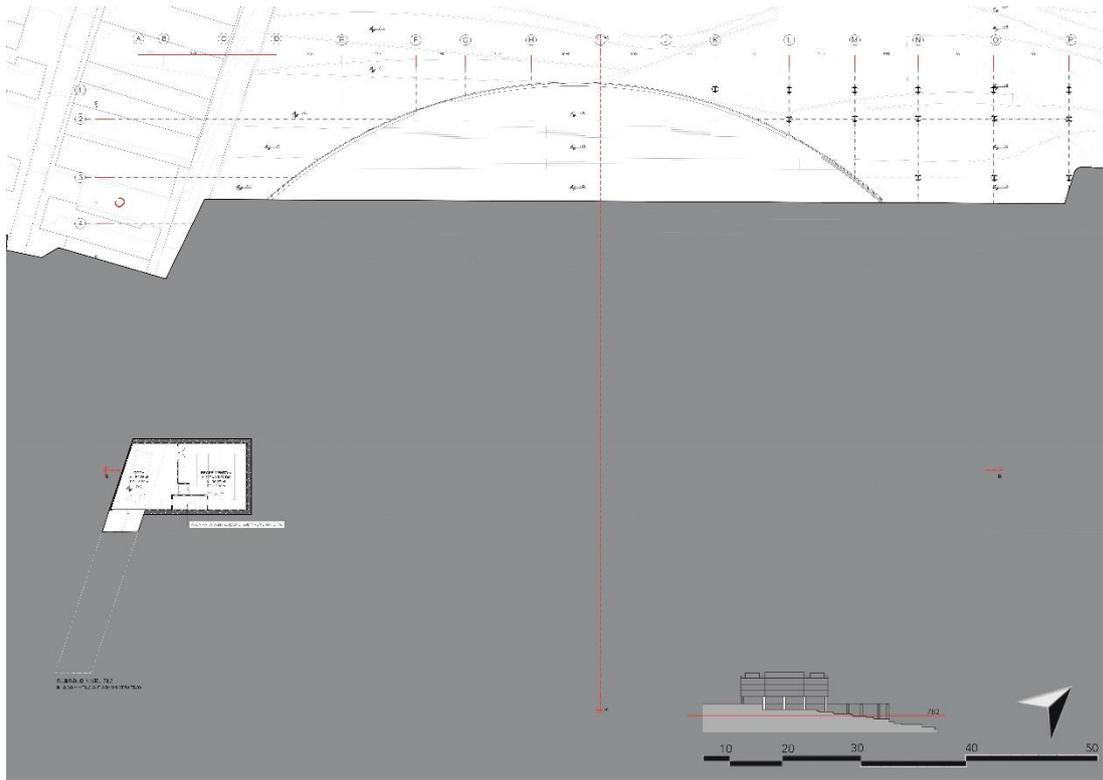
Outrossim, é que o circo precisou ser elevado e com isso permitiu incluir uma praça elevada para abrigá-lo. Anteriormente sua implantação se apresentava em uma das cotas mais baixas do terreno, a justificativa dessa mudança, é a própria acessibilidade dos usuários da escola era por um percurso mais longo e acessado pelo nível do subsolo. De forma que foi evitado também problemas com a drenagem permitindo que a cota mais baixa recebesse uma cobertura de areia e ocupando espaço para playground.

Imagem 25 - Masterplan Jardim Lourdes



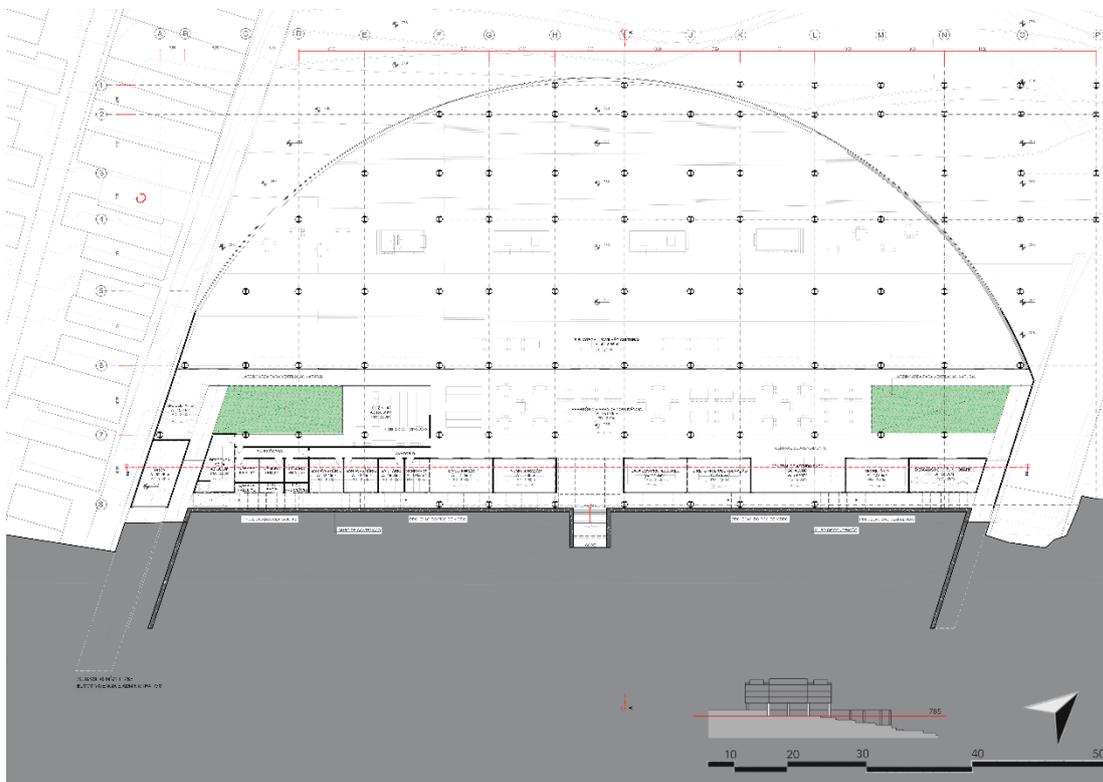
Fonte: Autorial, 2023.

Imagem 26 – Planta Subsolo nível 782



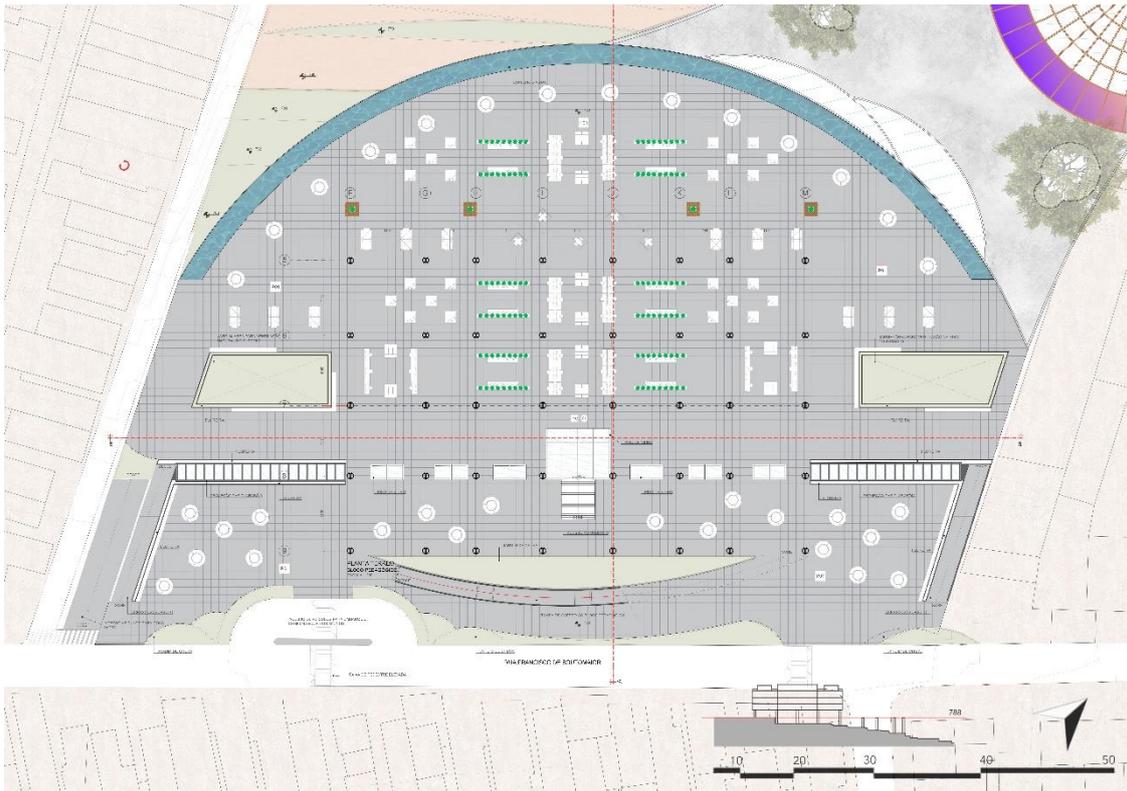
Fonte: Autorial, 2023.

Imagem 27 - Planta Subsolo nível 785



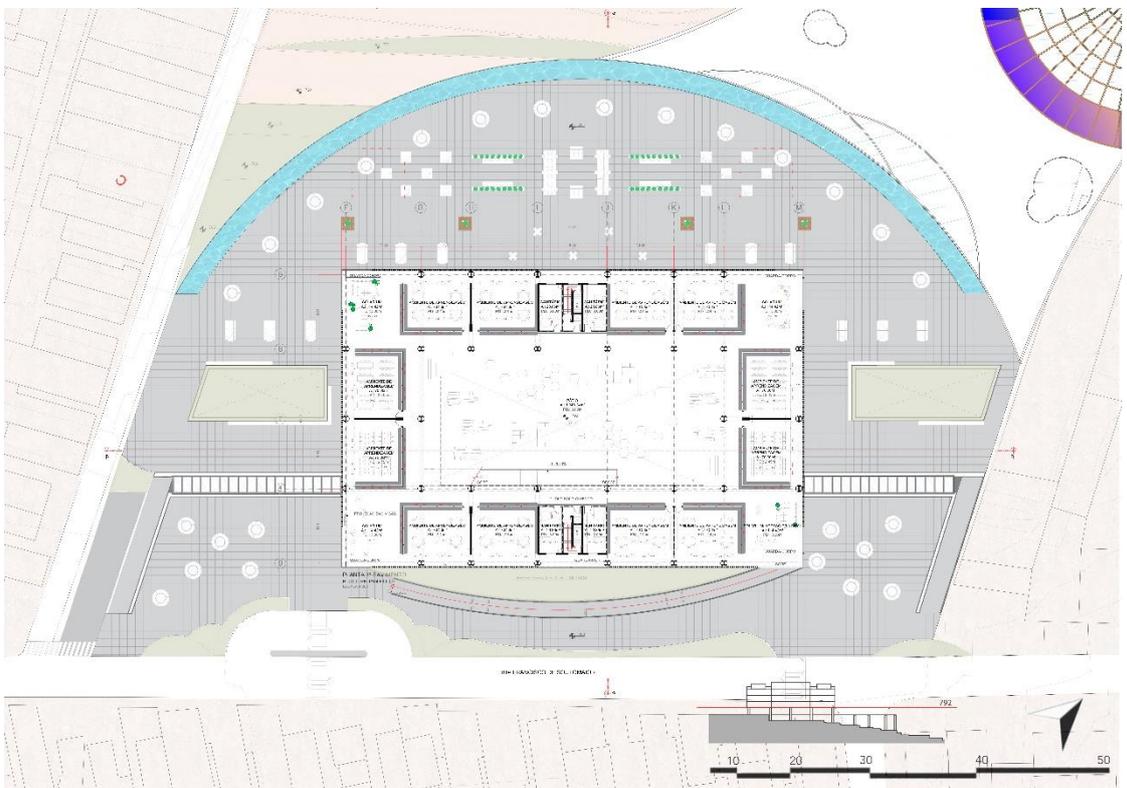
Fonte: Autorial, 2023

Imagem 28 - Planta Térreo nível 788



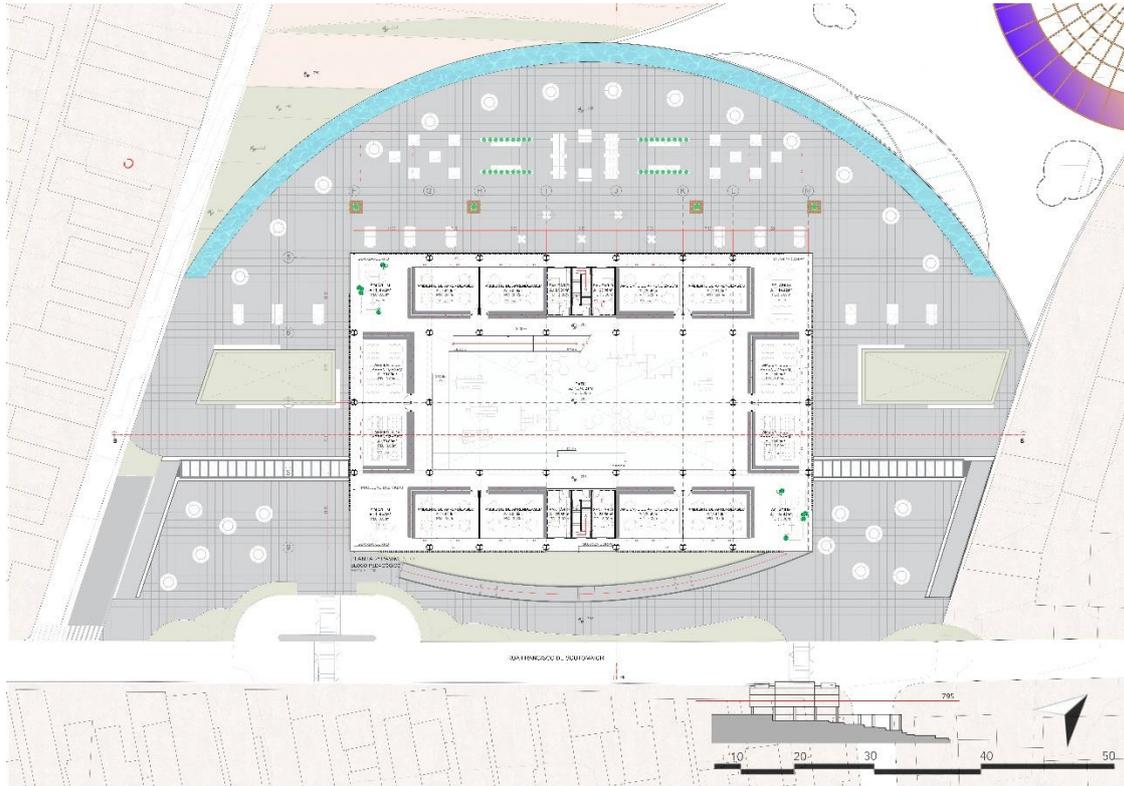
Fonte: Autoral, 2023

Imagem 29 - Planta 1º Pavimento



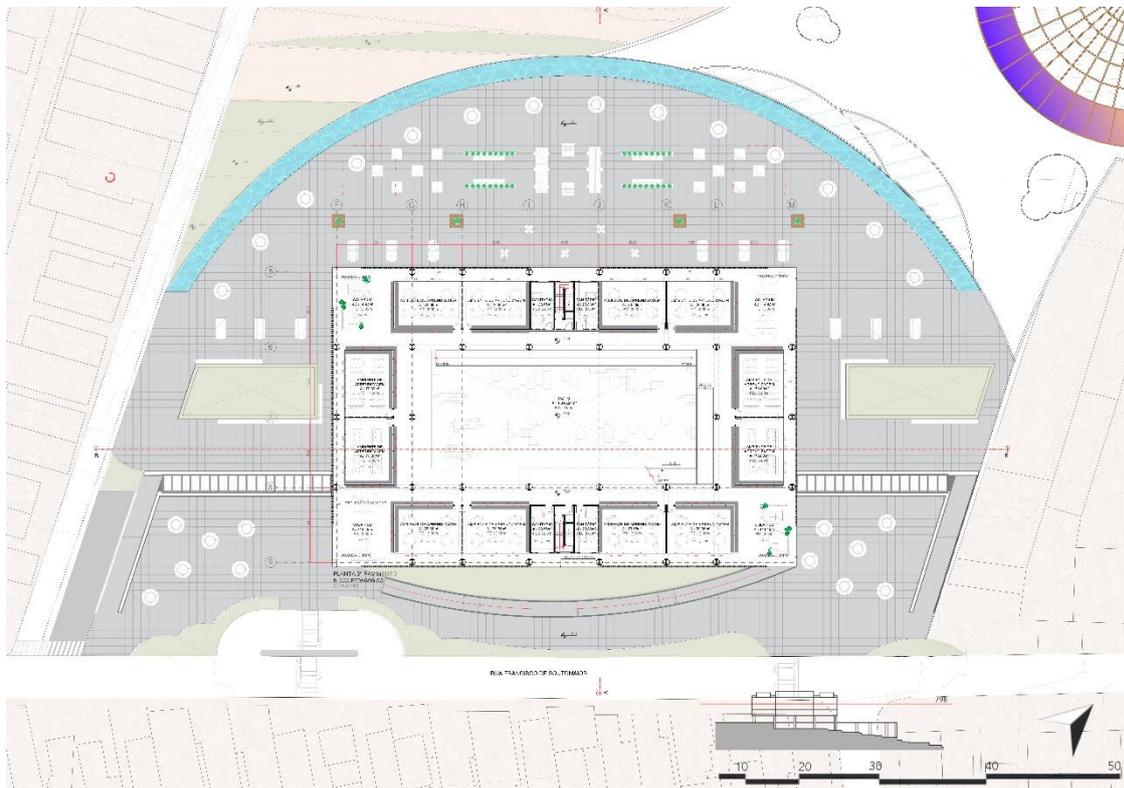
Fonte: Autoral, 2023

Imagem 30 - Planta 2º Pavimento



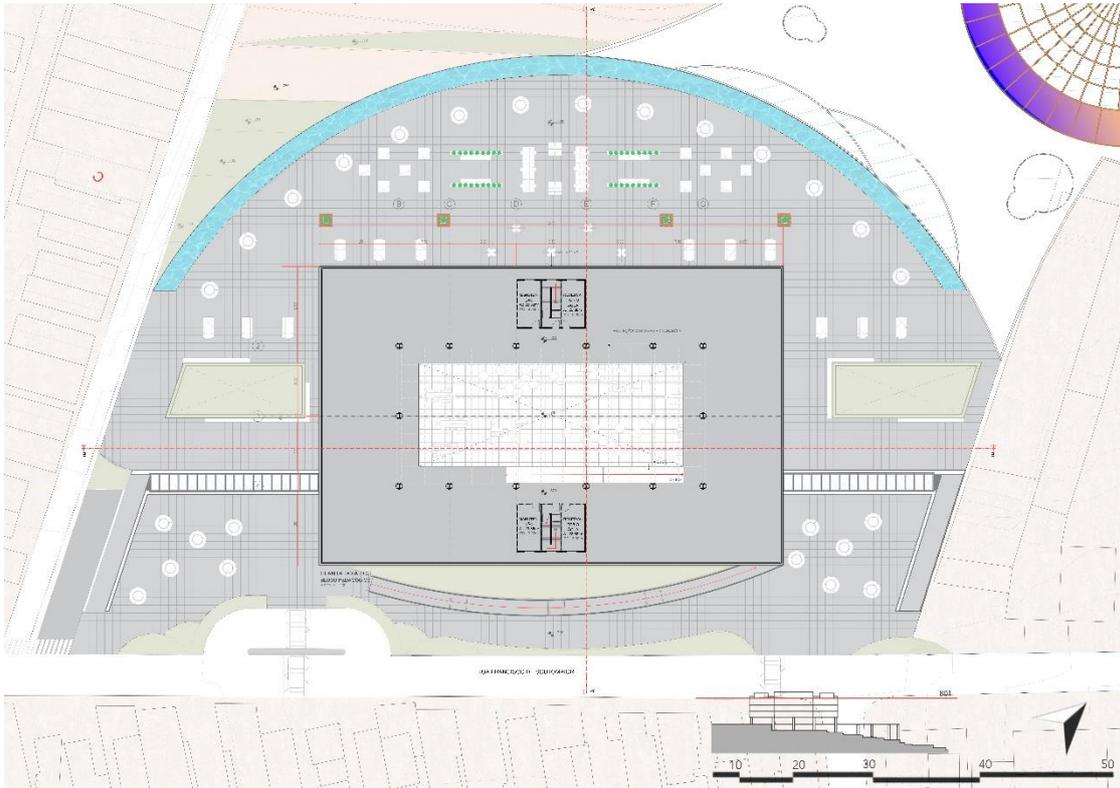
Fonte: Autorial, 2023

Imagem 31 - Planta 3º Pavimento



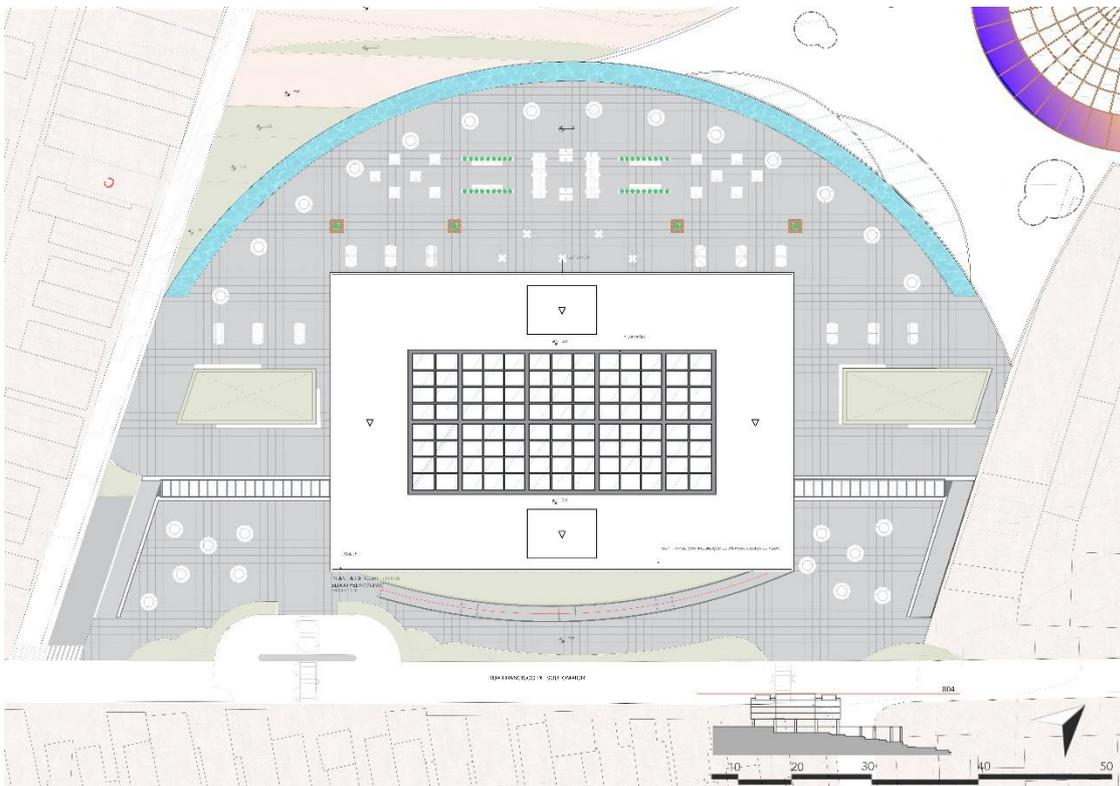
Fonte: Autorial, 2023

Imagem 32 - Planta Ático



Fonte: Autorial, 2023

Imagem 33 - Planta Cobertura



Fonte: Autorial, 2023

Imagem 34 - Corte AA e Corte BB



Fonte: Autoral, 2023

Imagem 35 - Elevações 01 e 02



Fonte: Autoral, 2023

Imagem 36 - Perspectiva 01



Fonte: Autoral, 2023

Imagem 37 - Perspectiva 02



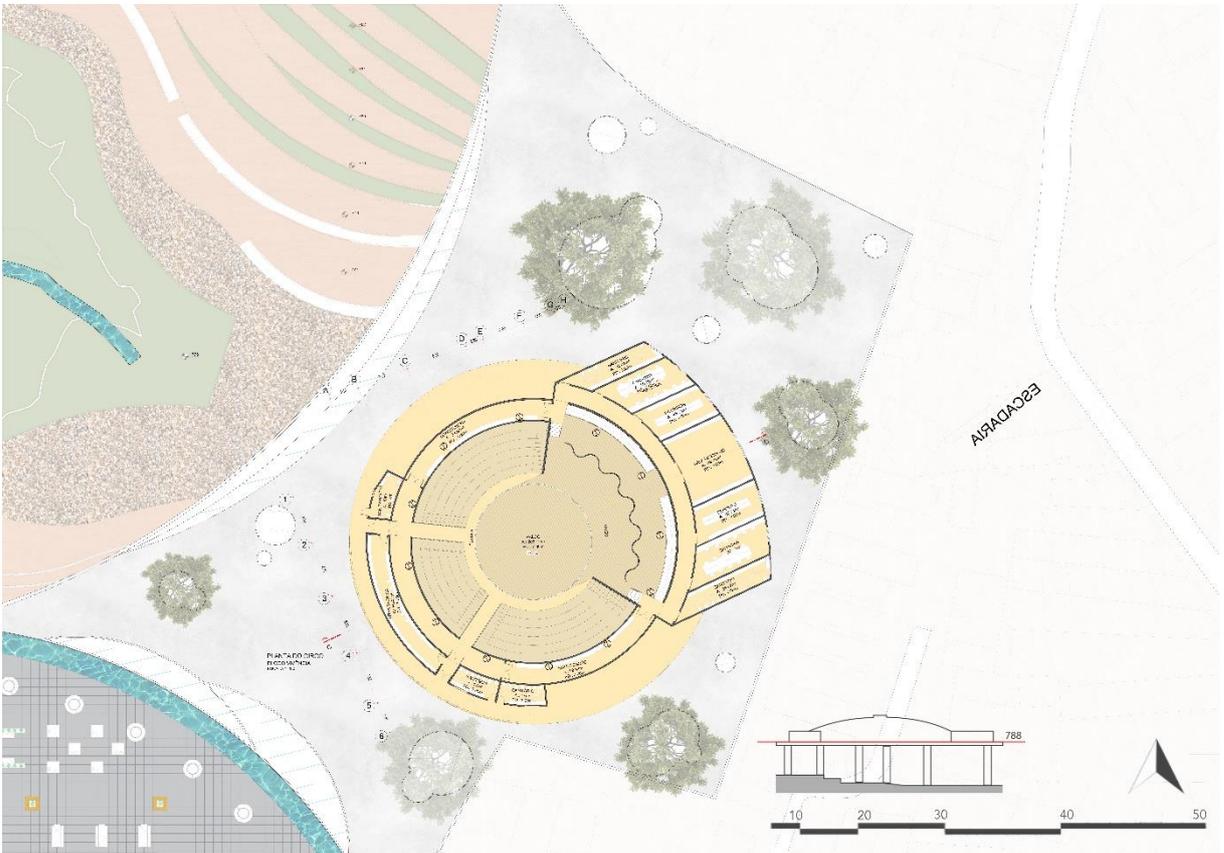
Fonte: Autoral, 2023

Imagem 38 - Perspectiva 03



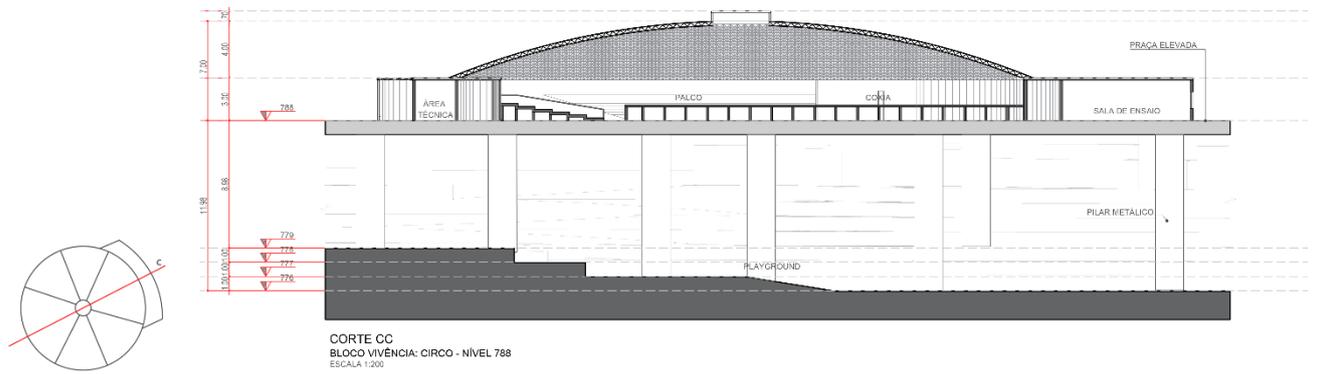
Fonte: Autorial, 2023

Imagem 39 - Planta Circo nível 788



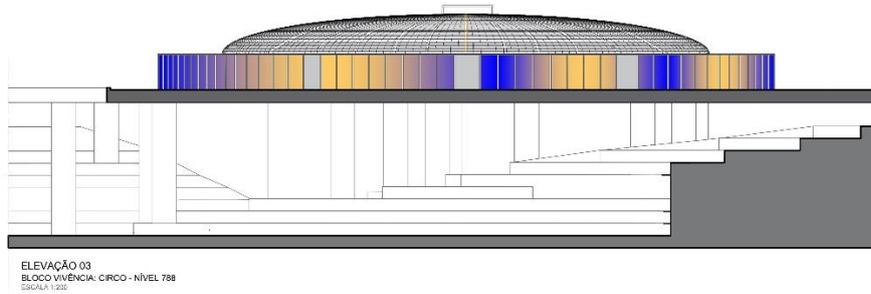
Fonte: Autorial, 2023

Imagem 40 - Corte CC



Fonte: Autoral, 2023

Imagem 41 - Elevação 03



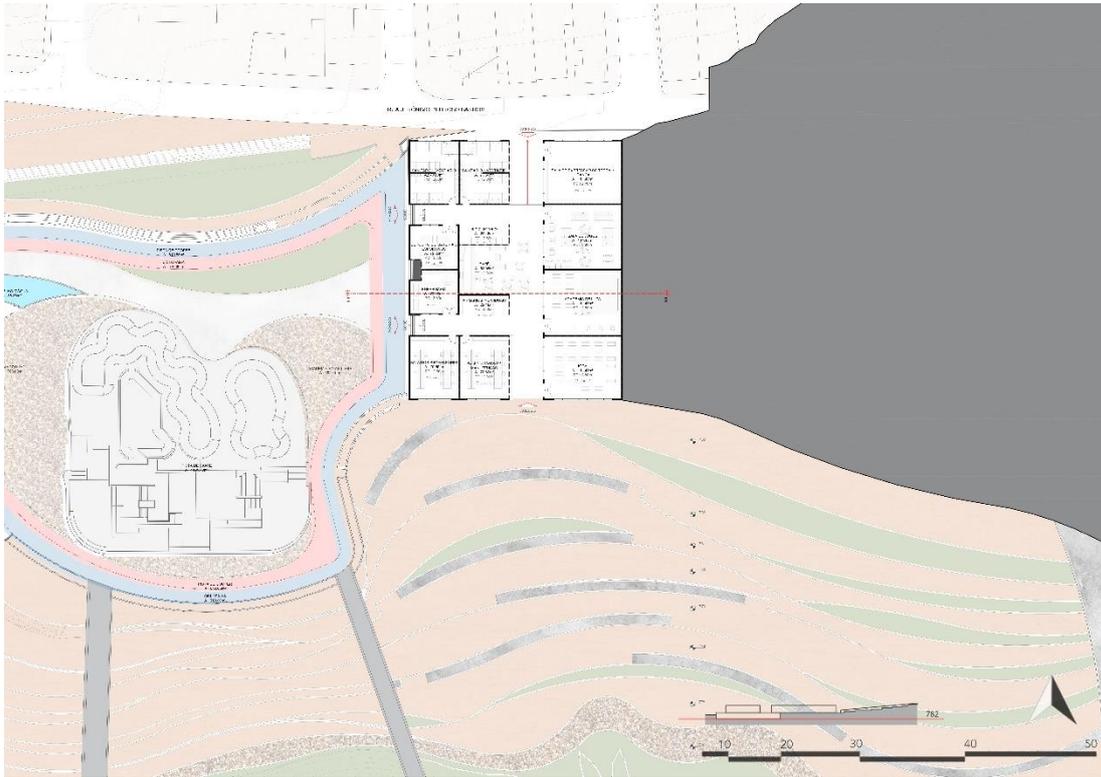
Fonte: Autoral, 2023

Imagem 42 – Perspectiva 04



Fonte: Autoral, 2023

Imagem 43 - Planta Esportivo nível 782



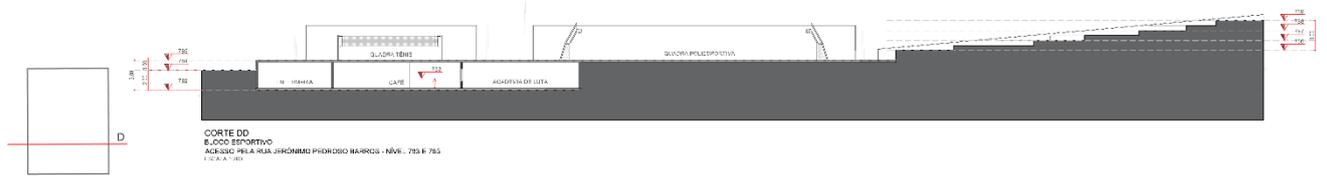
Fonte: Autorial, 2023

Imagem 44 - Planta Esportivo nível 785



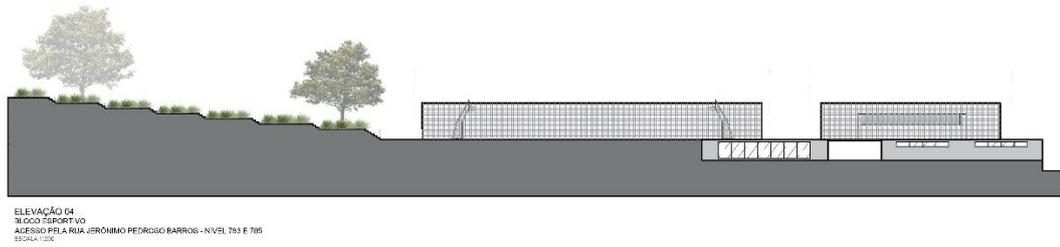
Fonte: Autorial, 2023

Imagem 45 - Corte DD



Fonte: Autorial, 2023

Imagem 46 - Elevação 04



Fonte: Autorial, 2023

Imagem 47 - Perspectiva 05



Fonte: Autorial, 2023

Imagem 48 - Perspectiva 06



Fonte: Autorial, 2023

Imagem 49 - Perspectiva 07



Fonte: Autorial, 2023

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento e pesquisa deste trabalho, se pode concluir que a educação tradicional em que o conhecimento é centralizado no professor, desenvolve indivíduos no qual praticam a memorização do conhecimento transmitido e é pouco absorvido de fato o conteúdo aplicado, isso porque o aluno não desenvolve autonomia em seu próprio processo de aprendizagem e não gera sentido ao que se é aprendido.

A discussão em torno da educação permeia também o seu sentido arquitetônico, pedagógico, social e gestão pública, compreende-se que tais fatores devem estar relacionados e integrados, assim como a participação pública deve ser levada em conta durante todo o processo de discussão e implantação de melhorias das escolas existentes ou da implantação de novas instituições de ensino.

Outrossim são os índices de analfabetismo no Brasil que se permite concluir que há uma realidade no qual a educação ainda não é um acesso a todos, embora esse direito seja garantido por Lei. Dessa forma, a educação exige uma necessidade de ser repensada, demonstrando que sua arquitetura é apenas uma parte do processo que envolve tal questão.

Conclui-se também que a adoção de novas metodologias pedagógicas e o envolvimento da comunidade nas instituições de ensino, assim como a compreensão em que a aprendizagem se dá além das salas de aula, ou do lote que se constitui a escola e que provém da própria cidade o ambiente de ensino e a experiencição do mesmo, comprova-se que dessa forma o aprendizado gera mais sentido aos alunos e desenvolve sua autonomia e capacidade de saber se relacionar com o coletivo e com si mesmo, gerando cidadãos em que possa transformar

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

APRENDER em Comunidade | Prof. José Pacheco | TEDx Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NMNVc0Yz434>. Acesso em: 17 set. 2022.

ATLAS OF THE FUTURE. **India's top school designs a better world**: The Riverside School, 2021. Disponível em: <https://atlasofthefuture.org/project/the-riverside-school/>. Acesso em: 30 out. 2022.

BALDISSERA, O. **José Pacheco e a escola da Ponte**: Exemplo de inclusão e inovação na educação. Pós Educação Unisinos. Disponível em: <https://poseducacao.unisinos.br/blog/escola-da-ponte#:~:text=Quem%20%C3%A9%20o%20professor%20Jos%C3%A9,encontrou%20no%20magist%C3%A9rio%20sua%20voca%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 16 set. 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **São Paulo Curiosa**: como surgiu o bairro de Guaianases, 2021. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/sao-paulo-curiosa-como-surgiu-o-bairro-de-guaianases/#:~:text=O%20distrito%20de%20Guaianases%20nasceu,%C3%ADndios%20Guaian%C3%A1s%20pioneiros%20na%20regi%C3%A3o>. Acesso em: 10 de out. 2022.

CARTA CAPITAL. **A escola (re)inventada**, 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/a-escola-reinventada/>. Acesso em: 29 out. 2022.

EDUCATION WORLD. **The Riverside School, Ahmedabad**, 2001. Disponível em: <https://www.educationworld.in/the-riverside-school-ahmedabad/>. Acesso em: 30 out. 2022.

EDUDWAR. **The Riverside School Ahmedabad**: Admission 2022-23, Fee Structure, Contact Number, 2017. Disponível em: <https://www.edudwar.com/the-riverside-school-ahmedabad/>. Acesso em: 30 out. 2022.

ESCOLA PARQUE – **EMEI Cleide Rosa Auricchio / Carolina Penna Arquitetos**, 07 mar. 2022. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/977957/escola-parque-nil-emei-cleide-rosa-auricchio-carolina-penna-arquitetura-e-urbanismo>. Acesso em: 18 set. 2022. ISSN 0719-8906.

FARIA, A.B.G. **Desenhar escola**: um exercício coletivo do pensamento. Orientador: Giselle Arteiro Nielsen Azevedo. 2019. 76 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em

Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://proarq.fau.ufrj.br/teses-e-dissertacoes/1778/desenhar-escola-um-exercicio-coletivo-do-pensamento>. Acesso em: 26 ago. 2022.

FÁVERO, E.T. **Parte I: O projeto, os caminhos da pesquisa, as primeiras aproximações à cidade.** In: FÁVERO, E.T. (coord. geral); FRANCO, A.A.P.; GOES, A.E.D.; FERREIRA, E.; OLIVEIRA, R.; MACHADO, V.R. (coord.); NCA-SGD (Org.). Crianças, adolescentes, jovens e direitos fundamentais: caminhos e aproximações aos dados da realidade social em distritos de exclusão da cidade de São Paulo. PUC: São Paulo, 2022 (p.18-62)

FERRARI, M. **Anísio Teixeira, o inventor da escola pública no Brasil.** Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1375/anisio-teixeira-o-inventor-da-escola-publica-no-brasil>. Acesso em: 25 set. 2022.

FONTANA, G.P. **Arquitetura Escolar e a Metodologia "Fazer a Ponte".** Orientador: Marcelo Ursini. 2018. Caderno de pesquisa (Trabalho de conclusão de curso) - Centro Universitário Senac Santo Amaro, 2018. Disponível em: https://issuu.com/ausenac/docs/guilhermefontana_issu2#:~:text=arquitetura%20que%20permi%20te%20a%20conviv%20C3%AAn%20cia,uma%20refer%20C3%AAn%20cia%20mundial%20de%20ensino. Acesso em: 17 set. 2022.

GARCIA, C. **Toyo Ito, arquiteto fora do padrão.** Casa Vogue, 28 maio 2013. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/noticia/2013/05/toyo-ito-arquiteto-fora-do-padrao.html>. Acesso em: 13 set. 2022.

GOOGLE MAPS. Localização Cidade Âncora. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Jardins+de+Monet/@-23.6517822,-46.9884183,23153m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x94ce55bee912e379:0xa2a67b376d3610b6!8m2!3d-23.5962297!4d-46.8186073?hl=pt-BR>. Acesso em: 05 out. 2022.

GOOGLE MAPS. Localização EMEI Cleide Rosa Auricchio. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-23.6167266,-46.5720543,313m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: 01 out. 2022.

JESUS, M.P. **Guaianases: a ferrovia e o processo de urbanização de um distrito na região leste de São Paulo, 1875-1929,** 2019. Congresso Nacional de Iniciação Científica - Universidade São Judas Tadeu – USJT, 2019. Disponível em: <https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2020/trabalho-1000005803.pdf>. Acesso em 10 de out. 2022.

JORNAL DAQUI. **Projeto Âncora e a carta do mês**: Regina se despede desta função. Disponível em: <https://jornaldaqui.com.br/projeto-ancora-e-a-carta-do-mes-regina-se-despede-desta-funcao/>. Acesso em: 29 out. 2022.

KELER, S. **Cidade de Ahmedabad**: Patrimônio Mundial da UNESCO, 2018. Media India Group. Disponível em: <https://mediaindia.eu/patrimonio/ahmedabad-ciudad/>. Acesso em 08 out. 2022.

KOWALTOWSKI, D.C.C.K. **A arquitetura escolar**: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficinas de textos, 2011.

KUDLESS, A. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChM2sLpO314/>. Acesso em 03 dez. 2022.

MENEZES, E.T. Verbetes **Escola Parque**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira – Educa Brasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/escola-parque/>. Acesso em 25 set 2022.

MINHA ESCOLA, MEU LUGAR – Escola Parque – Caixa D’água. Canal Rede Anísio Teixeira, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eWHj4_2-QTI. Acesso em: 25 set. 2022.

O QUINTAL DE FULANA E MELÃO. **Projeto Âncora**: livros para brincar, 2017. Disponível em: http://www.oquintaldefulanaemelao.art.br/?post_type=post&p=928. Acesso em: 29 out. 2022.

PACHECO, J. **A escola da ponte**: formação e transformação. 6ª edição. Editora Vozes, 2004.

PENNA, C. Escola Parque: Uma praça. Uma escola. Um parque. Disponível em: <http://www.carolinapenna.com/escola-parque>. Acesso em: 17 set. 2022.

PORTAL APRENDIZ. **Projeto Âncora evolui para Cidade Âncora**. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/10/20/projeto-ancora-evolui-para-cidade-ancora/>. Acesso em: 05 de out. 2022.

PREFEITURA DE COTIA. **Plano de zoneamento**: normas de parcelamento, uso e ocupação do solo. Disponível em: <https://aetec.org.br/wp-content/uploads/2022/07/PLANO-DE-ZONEAMENTO-ANEXO-I-LC-95-2008-Redacao-dada-pela-Lei-Complementar-n-204-2014.pdf>. Acesso em: 05 de out. 2022.

PREFEITURA DE SÃO CAETANO DO SUL. **Planta do município de São Caetano do Sul**, 2018. Disponível em:

<https://www.saocaetanodosul.sp.gov.br/storage/upload/files/ZONEAMENTO/Mapa%20de%20Zoneamento%202018-Model.pdf>. Acesso em: 01 out. 2022.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Bairro de Guaianases, 2008**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a_l/coracoralina/index.php?p=4238. Acesso em 10 de out. 2022.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras Perímetros de Ação: Guaianases**, 2016. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/08/PA-GU-.pdf>. Acesso em: 12 out. 2022.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **População Total e Analfabeta de 15 anos e Mais e Taxa de Analfabetismo Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais 2000 e 2010**. Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/urbanismo/infocidade/htmls/8_populacao_total_e_analfabeta_de_15_anos__2000_10517.html. Acesso em: 12 out. 2022.

PROJETO ÂNCORA (Brasil) | **Destino Educação - Escolas Inovadoras**. Canal Futura, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kE6MlnwML8Y>. Acesso em: 26 ago. 2022.

PROJETO ÂNCORA. Disponível em: <https://www.projetoancora.org.br/>. Acesso em: 5 de out. 2022.

REVISTA PROJETO. **Carolina Penna Arquitetura: Escola Parque EMEI Cleide Rosa Auricchio, São Caetano do Sul, SP**, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/acervo/carolina-penna-arquitetura-escola-parque-emei-cleide-rosa-auricchio-sao-caetano-do-sul-sp/>. Acesso em: 17 set. 2022.

RIVERSIDE SCHOOL. Disponível em: <https://schoolriverside.com/>. Acesso em 08 de out. 2022.

RIVERSIDE SCHOOL (Índia) | **Destino Educação - Escolas Inovadoras**. Canal Futura, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4otPjgKQktE>. Acesso em: 09 out. 2022.

RUSSEL, H. **O segredo da Dinamarca**. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2016.

SAEDE. **Total do Estado de São Paulo: Território e População**. Disponível em: <https://perfil.seade.gov.br/>. Acesso em: 12 out. 2022.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: polêmicas do nosso tempo**. Campinas: Autores Associados, 1999.

SENADO FEDERAL. [Constituição (1996)]. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Secretaria especial de editoração e publicações, 2005. 65 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2022.

SPOSATI, A. Mapa de exclusão/ inclusão social do município de São Paulo – III. In: SPOSATI, A. (coord. geral); COELHO, G.; MONTEIRO, A. M. V.; RAMOS, F. R.; ANAZAWA, T.; KOGA, D. V Forúm Social Sul, 2013.

SONDCLOUD. **São Paulo Curiosa: história do bairro de Guaianases**, 2020. Disponível em: <https://soundcloud.com/webradiocamarasaopaulo/10122020-sao-paulo-curiosa-historia-do-bairro-de-guaianases>. Acesso em: 10 de out. 2022.

UNIVERSIDADE DE TIANHIN LUNENG TAISHAN. Archidaily Brasil, 2022. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/879547/universidade-de-tianjin-luneng-taishan-lacime-architectural-design?ad_medium=gallery. Acesso em: 03 dez. 2022.

UFBA. **A escola parque da Bahia: experiência pedagógica pioneira no Brasil**. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/livro11/pagina33.htm>. Acesso em: 25 set. 2022.